



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
12º LEVANTAMENTO

Setembro 2026

**volume 13
NÚMERO**

12

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Janaína Maia de Almeida

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Marco Antônio Garcia Martins Chaves

Martha Helena Gama de Macêdo

Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Gabriella de Jesus Teixeira

Lucas Barbosa Fernandes

Lucas Marçal Romeiro Barbosa

Otávio Coscrato Cardoso da Silva

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Bruno de Souza Machado (Gerpa – arroz), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Frederico Vaz Sampaio (Gerpa – milho), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja) e Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – feijão).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
12º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 12º décimo segundo levantamento, setembro 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

sumário

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
12	INTRODUÇÃO
15	ANÁLISE CLIMÁTICA
22	ANÁLISE DAS CULTURAS
22	ALGODÃO
33	ARROZ
44	FEIJÃO
71	MILHO
88	SOJA
93	TRIGO
103	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
114	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A décima segunda pesquisa de campo, realizada na última semana de agosto, atualizou os dados de produção de grãos referentes à safra 2025/26, iniciada em setembro de 2025. Os dados observados confirmam a expectativa de crescimento na produção, já prevista nas pesquisas anteriores, e indicam a produção em 361,7 milhões de toneladas, equivalente a um acréscimo de 2,6%, ou de 9,2 milhões de toneladas sobre a temporada anterior.

No final de agosto, ainda restavam em campo poucas áreas de milho segunda safra e algodão. As culturas de terceira safra e de inverno encontram-se em diferentes estágios, desde desenvolvimento vegetativo à colheita, e continuarão sendo acompanhadas e passíveis de atualização nos próximos meses.

Esse resultado é 0,3%, ou 967,5 mil toneladas, superior ao levantamento anterior, divulgado em agosto, decorrente, principalmente, do avanço da colheita do milho segunda safra, que vem apresentando produtividades superiores às inicialmente previstas.

A área cultivada, estimada em 83,5 milhões de hectares, é 1,7%, ou 1,4 milhão de hectares, superior à área semeada em 2024/25. Os maiores incrementos de área foram observados na soja, com aumento de 1,3 milhão de

hectares, ou 2,7%, acima da safra anterior, no milho, com aumento de 762,5 mil hectares, ou 3,5%, e no sorgo, com a incorporação de 537 mil hectares, correspondendo a um crescimento de 32,9%.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

Região Nordeste, está estimada em 666,2 mil toneladas, com lavouras em fase de colheita.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.018,4	(3,2)	2.776	2.910	4,8	5.789,9	5.874,2	1,5
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.018,4	(3,2)	1.957	2.053	4,9	4.081,5	4.143,8	1,5
AMENDOIM TOTAL	280,4	281,9	0,5	4.136	4.547	9,9	1.159,7	1.281,7	10,5
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,8	0,6	4.202	4.621	10,0	1.147,6	1.269,7	10,6
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,1	(2,7)	1.662	1.700	2,2	12,1	12,0	(0,8)
ARROZ	1.763,9	1.516,7	(14,0)	7.233	7.303	1,0	12.757,7	11.076,2	(13,2)
Arroz sequeiro	394,6	252,9	(35,9)	2.935	2.548	(13,2)	1.158,2	644,5	(44,4)
Arroz irrigado	1.369,3	1.263,8	(7,7)	8.471	8.254	(2,6)	11.599,5	10.431,7	(10,1)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.540,4	(5,7)	1.136	1.161	2,2	3.059,9	2.950,0	(3,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	793,0	(12,7)	1.170	1.228	5,0	1.062,7	973,9	(8,4)
Cores	347,3	333,2	(4,1)	1.707	1.806	5,8	592,8	601,7	1,5
Preto	169,0	116,2	(31,2)	1.953	1.761	(9,8)	330,2	204,6	(38,0)
Caupi	392,2	343,6	(12,4)	356	488	36,9	139,7	167,5	19,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.372,1	(2,0)	953	955	0,2	1.333,6	1.309,9	(1,8)
Cores	294,6	287,2	(2,5)	1.499	1.590	6,1	441,6	456,9	3,5
Preto	286,6	184,5	(35,6)	1.616	1.435	(11,2)	463,2	264,7	(42,9)
Caupi	818,9	900,4	10,0	524	653	24,8	428,9	588,4	37,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	375,3	(2,4)	1.726	1.775	2,8	663,7	666,2	0,4
Cores	326,5	322,8	(1,1)	1.881	1.932	2,7	614,2	623,4	1,5
Preto	14,1	14,3	1,4	1.268	1.269	0,1	17,9	18,2	1,7
Caupi	43,8	38,2	(12,8)	721	645	(10,6)	31,6	24,7	(21,8)
GERGELIM	901,8	570,2	(36,8)	677	598	(11,8)	610,9	340,9	(44,2)
GIRASSOL	61,9	77,6	25,4	1.622	1.257	(22,5)	100,4	97,5	(2,9)
MAMONA	69,6	70,7	1,6	1.437	1.712	19,1	100,0	121,1	21,0
MILHO TOTAL	21.838,0	22.600,5	3,5	6.464	6.372	(1,4)	141.157,6	144.009,6	2,0
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.100,7	8,7	6.610	7.191	8,8	24.935,8	29.487,8	18,3
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.824,9	2,3	6.496	6.291	(3,2)	113.228,4	112.130,8	(1,0)
Milho 3ª Safra	635,1	674,9	6,3	4.714	3.543	(24,8)	2.993,6	2.390,9	(20,1)
SOJA	47.346,1	48.608,6	2,7	3.622	3.711	2,5	171.480,5	180.406,6	5,2
SORGO	1.632,0	2.169,0	32,9	3.739	3.388	(9,4)	6.102,2	7.348,0	20,4
SUBTOTAL	78.672,3	80.454,0	2,3	4.351	4.394	1,0	342.318,8	353.505,8	3,3
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	531,6	(2,6)	2.368	2.288	(3,4)	1.292,3	1.216,2	(5,9)
CANOLA	211,9	370,7	74,9	1.627	1.620	(0,4)	344,8	600,6	74,2
CENTEIO	2,1	2,3	9,5	2.381	2.261	(5,0)	5,0	5,2	4,0
CEVADA	139,2	152,9	9,8	4.358	4.022	(7,7)	606,6	614,9	1,4
TRIGO	2.445,9	1.927,1	(21,2)	3.219	2.978	(7,5)	7.873,4	5.739,7	(27,1)
TRITICALE	11,4	11,9	4,4	3.211	2.950	(8,1)	36,6	35,1	(4,1)
SUBTOTAL	3.356,3	2.996,5	(10,7)	3.027	2.740	(9,5)	10.158,7	8.211,7	(19,2)
BRASIL (2)	82.028,6	83.450,5	1,7	4.297	4.335	0,9	352.477,5	361.717,5	2,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em setembro/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.276,1	5,3	3.804	3.883	2,1	22.664,3	24.372,9	7,5
RR	171,9	179,8	4,6	4.027	3.422	(15,0)	692,3	615,3	(11,1)
RO	1.242,8	1.209,4	(2,7)	4.369	4.389	0,5	5.429,7	5.308,2	(2,2)
AC	68,7	72,9	6,1	3.082	3.299	7,1	211,7	240,5	13,6
AM	28,6	34,5	20,6	3.024	2.881	(4,7)	86,5	99,4	14,9
AP	14,0	15,3	9,3	2.143	2.294	7,1	30,0	35,1	17,0
PA	2.023,8	2.258,7	11,6	3.480	3.695	6,2	7.042,0	8.344,9	18,5
TO	2.408,6	2.505,5	4,0	3.808	3.883	2,0	9.172,1	9.729,5	6,1
NORDESTE	10.041,6	10.237,6	2,0	3.129	3.326	6,3	31.420,6	34.054,8	8,4
MA	2.257,6	2.323,4	2,9	3.895	3.893	-	8.792,4	9.045,5	2,9
PI	1.942,6	1.998,7	2,9	3.221	3.757	16,6	6.258,0	7.509,3	20,0
CE	938,7	919,8	(2,0)	379	956	152,0	356,1	879,3	146,9
RN	112,6	108,6	(3,6)	274	455	66,3	30,8	49,4	60,4
PB	224,2	191,3	(14,7)	388	459	18,3	87,0	87,8	0,9
PE	370,7	366,3	(1,2)	947	965	1,9	351,1	353,5	0,7
AL	59,3	52,6	(11,3)	3.578	2.422	(32,3)	212,2	127,4	(40,0)
SE	194,7	193,9	(0,4)	6.738	4.460	(33,8)	1.311,9	864,8	(34,1)
BA	3.941,2	4.083,0	3,6	3.558	3.708	4,2	14.021,1	15.137,8	8,0
CENTRO-OESTE	37.018,3	37.885,9	2,3	4.849	4.764	(1,8)	179.498,2	180.485,3	0,5
MT	22.593,9	22.827,0	1,0	4.984	5.060	1,5	112.607,2	115.511,8	2,6
MS	6.645,0	6.894,8	3,8	4.303	4.455	3,5	28.596,4	30.713,7	7,4
GO	7.593,0	7.971,4	5,0	4.921	4.180	(15,1)	37.363,1	33.317,6	(10,8)
DF	186,4	192,7	3,4	4.997	4.889	(2,2)	931,5	942,2	1,1
SUDESTE	6.994,0	7.151,5	2,3	4.311	4.393	1,9	30.153,3	31.415,9	4,2
MG	4.298,0	4.378,8	1,9	4.283	4.351	1,6	18.408,6	19.053,4	3,5
ES	25,2	25,0	(0,8)	2.829	2.720	(3,9)	71,3	68,0	(4,6)
RJ	2,8	2,4	(14,3)	3.286	3.458	5,3	9,2	8,3	(9,8)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.475	2,4	11.664,2	12.286,2	5,3
SUL	22.016,3	21.899,4	(0,5)	4.031	4.173	3,5	88.741,1	91.388,6	3,0
PR	9.954,9	10.426,9	4,7	4.491	4.511	0,4	44.710,3	47.031,1	5,2
SC	1.429,0	1.408,8	(1,4)	5.690	5.630	(1,1)	8.131,3	7.931,6	(2,5)
RS	10.632,4	10.063,7	(5,3)	3.376	3.620	7,2	35.899,5	36.425,9	1,5
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.513,7	3,2	3.380	3.538	4,7	54.084,9	58.427,7	8,0
CENTRO-SUL	66.028,6	66.936,8	1,4	4.519	4.531	0,3	298.392,6	303.289,8	1,6
BRASIL	82.028,6	83.450,5	1,7	4.297	4.335	0,9	352.477,5	361.717,5	2,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em setembro/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta a última publicação do acompanhamento da safra 2025/26, embora irá atualizar os dados das culturas que ainda estão em campo nos próximos levantamentos.

A safra encerra com aumento da produção de grãos em relação à temporada passada.

Registra-se o agradecimento aos colaboradores da Conab situados em todas as Unidades da Federação e pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também foi destacada a contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos

estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Em agosto de 2026, as chuvas foram acima de 90 mm na Região Sul, sul de São Paulo e na faixa litorânea da Região Nordeste, mantendo a umidade no solo com índices satisfatórios. Em grande parte do Centro-Oeste, do centro-norte de Minas Gerais, do interior do Nordeste, do leste do Amazonas, de Roraima, do Tocantins e grande parte do Pará, foram registrados acumulados mensais inferiores a 40 mm, resultando em menores teores de armazenamento de água no solo.

Na Região Nordeste, as chuvas se concentraram no litoral leste, com totais acima de 90 mm, desde o Rio Grande do Norte até Alagoas. Em parte destas áreas, o armazenamento de água no solo se manteve favorável, beneficiando o milho terceira safra. Já no semiárido e demais áreas do Sertão e Matopiba, os valores não ultrapassaram os 40 mm, ocorrendo a redução dos índices de umidade do solo. Nas áreas de final de ciclo, o tempo seco favoreceu a maturação e a colheita das lavouras.

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

Maiores volumes de chuva, na Região Centro-Oeste, foram registrados somente no sul de Mato Grosso do Sul, com acumulados acima de 40 mm. Nas demais áreas, foram registrados baixos volumes e em algumas localidades não houve registro de precipitação. O predomínio de tempo seco reduziu a umidade do solo e favoreceu o avanço da colheita de algodão, milho segunda safra, feijão terceira safra e trigo.

Na Região Sudeste, as chuvas foram mais significativas no sul e leste da região, com volumes acima de 40 mm. Já no norte de São Paulo e em grande parte de Minas Gerais, registraram menos de 30 mm. As condições de tempo mais seco vêm favorecendo o andamento da colheita de culturas como milho, algodão, trigo e feijão.

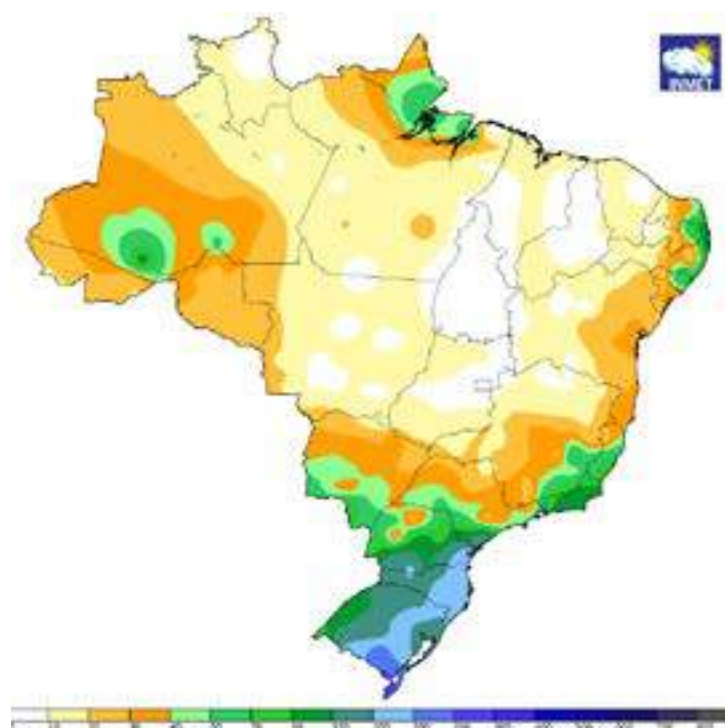
Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm no leste dos três estados, mas, principalmente, na parte sul do Rio Grande do Sul, onde os acumulados do mês ultrapassaram os 250 mm. Este cenário manteve os índices de umidade do solo elevados, porém o excesso hídrico prejudicou pontualmente a cultura de trigo, favorecendo a ocorrência de doenças fúngicas. No restante da região, os acumulados de chuva variaram entre 70 mm e 100 mm, exceto no noroeste do Paraná, onde as chuvas foram inferiores a 40 mm.

Em agosto, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores ficaram acima de 36 °C em áreas do Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Piauí e Maranhão. As menores máximas ocorreram, principalmente, na Região Sul e em áreas do leste das Regiões Sudeste e Nordeste.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram os 18 °C nas Regiões Norte e Nordeste, bem como em parte da Região Centro-Oeste. Nas Regiões Sul e Sudeste, as mínimas ficaram abaixo de 16 °C, refletindo em

condições mais amenas. Os menores valores, entre 6 °C e 12 °C, ocorreram, principalmente, nas áreas serranas das Regiões Sudeste e Sul, associados à atuação de massas de ar frio. Houve registro de episódios de geadas, principalmente, no Rio Grande do Sul.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM AGOSTO DE 2026



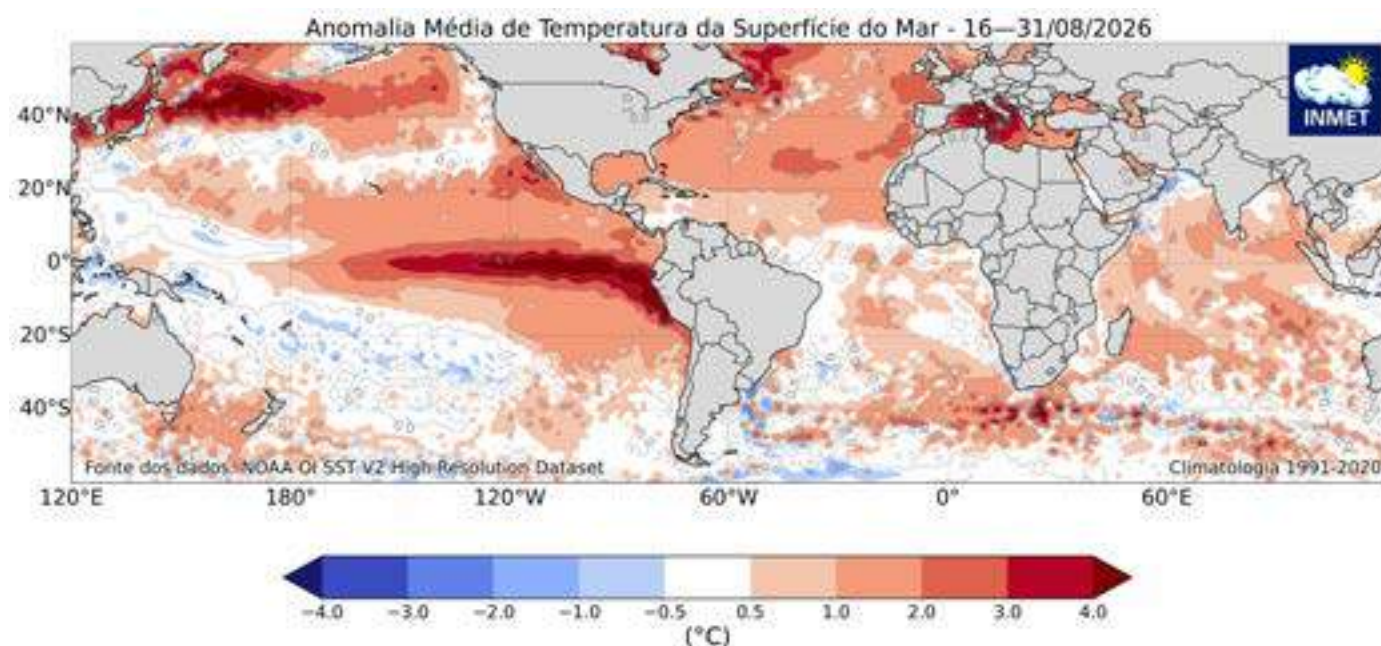
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 31 de agosto de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores acima de 2°C ao longo da faixa longitudinal compreendida desde a costa oeste da América do Sul até os 180°, indicando temperaturas acima da média climatológica. As águas mais aquecidas concentraram-se entre 80°W e 120°W, onde as anomalias foram acima de 3 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4,

delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores positivos e acima 2°C durante agosto, sinalizando a persistência das condições de El Niño.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE AGOSTO DE 2026



Fonte: NOAA.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

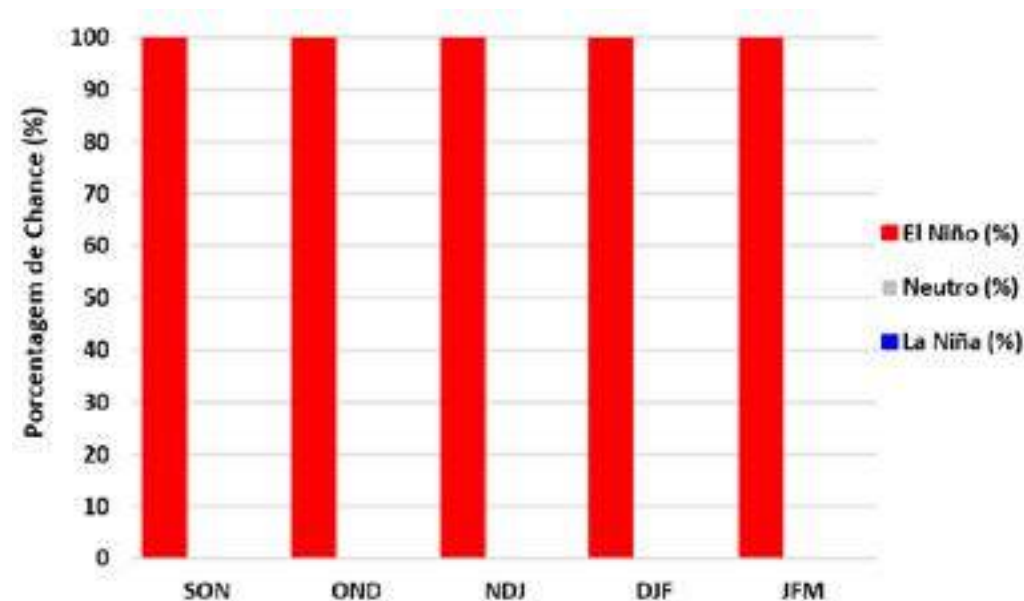


Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a persistência

das condições de El Niño, fase quente, durante o trimestre setembro, outubro e novembro de 2026.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica predomínio de chuvas abaixo da média em grande parte das Regiões Norte e Nordeste. As chuvas acima da média são previstas para a Região Sul, além de áreas do oeste e sul da Região Centro-Oeste e parte sul da Região Sudeste.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, o que poderá contribuir para a redução dos índices de umidade no solo. Por outro lado, são previstas

chuvas acima da média no oeste da Amazônia, favorecendo a manutenção de índices mais elevados de umidade do solo nessa área.

Na maior parte da Região Nordeste, a previsão indica chuvas abaixo da média, o que deverá contribuir para a redução dos índices de umidade do solo. Ressalta-se, contudo, que a estação chuvosa na faixa leste da região se aproxima do fim, sendo esperada uma redução natural dos volumes de chuva nos próximos meses, característica do período de transição para a estação seca.

Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica irregularidade das chuvas, com predomínio de chuvas próximas e acima da média, exceto em áreas do norte e nordeste de Mato Grosso, norte de Goiás e Distrito Federal, onde os volumes de chuva podem ficar abaixo da média, principalmente, em outubro e novembro.

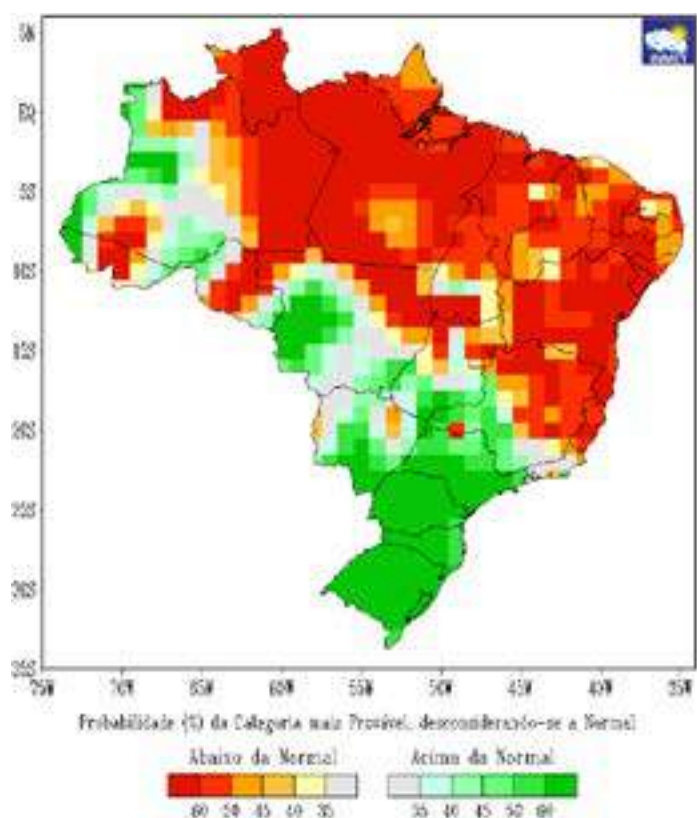
Na Região Sudeste, a tendência é de chuvas abaixo da média no centro-norte de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. No sul de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, bem como em grande parte de São Paulo, são previstos volumes de chuva próximos e acima da média.

Na Região Sul, a previsão indica chuvas acima da média ao longo do trimestre. De modo geral, os níveis de umidade no solo deverão permanecer adequados para o desenvolvimento das culturas. No entanto, a persistência de eventos de chuva poderá favorecer a ocorrência de excesso hídrico em áreas das porções central e oeste do Rio Grande do Sul, bem como no oeste de Santa Catarina, principalmente, em outubro.

As temperaturas médias do ar devem permanecer acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 27 °C são previstos em grande parte das Regiões Norte e Nordeste. Na Região Centro-Oeste, os valores

devem variar entre 25 °C e 27 °C, assim como no oeste de São Paulo e norte de Minas Gerais. Em áreas do sul de Minas Gerais, leste de São Paulo e grande parte da Região Sul, são previstas temperaturas mais amenas e inferiores a 22 °C. Destacam-se, ainda, que as áreas de maior altitude da Região Sul podem ter temperaturas abaixo de 15 °C, especialmente, em setembro.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.018,4 mil ha

- 3,2%

PRODUTIVIDADE

2.053 kg/ha

+ 4,9%

PRODUÇÃO

4.143,8 mil t

+ 1,5%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26	Ago./26	2.018,3	4.084,6
	Set./26	2.018,4	4.143,8

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Com mais de 80% da safra colhida, a estimativa de produtividade do algodão amplia o recorde da série histórica neste levantamento. Estimada em 2.053 kg/ha de pluma, representa incremento de 4,9% em relação ao ciclo passado e eleva a produção nacional a 4,1 milhões de toneladas, volume 1,4% superior ao previsto no levantamento anterior e 1,5% acima do obtido na safra 2024/25, mesmo diante da retração de 3,2% na área cultivada.

A colheita aproxima-se do encerramento na maior parte dos estados produtores, finalizada no Piauí, Paraná, Pará e São Paulo. Em Mato Grosso, a primeira safra encontra-se totalmente colhida e a segunda safra ultrapassa 80% da área. Entre os demais estados, Goiás alcança 85%, Bahia registra 70% nas lavouras de sequeiro e 20% nas irrigadas, Minas Gerais atinge 65% e Mato Grosso do Sul aproxima-se do encerramento.

A área cultivada permanece praticamente estável em relação ao levantamento anterior, com ajustes em Mato Grosso e Bahia. Os ajustes concentraram-se na produtividade. Os incrementos verificados na Bahia, no Piauí e em Goiás, decorrentes da apuração das áreas colhidas, superaram as reduções registradas em Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Norte, no Maranhão e na Paraíba.

Com o encerramento do ciclo, o manejo pós-colheita assume protagonismo, com foco no controle preventivo do bicudo-do-algodoeiro e na destruição das soqueiras, em cumprimento ao período de vazio sanitário, com operações já em andamento em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita foi concluída nas lavouras de primeira safra e ultrapassa 80% da área nas de segunda safra. O mês foi caracterizado por clima predominantemente seco e temperaturas elevadas, cenário de estabilidade climática que favoreceu diretamente a maturação final das maçãs e garantiu boas janelas operacionais para as operações de campo.

As produtividades aferidas até o momento superam os índices da safra anterior, com rendimento de pluma variando entre 41% e 42%, havendo perdas pontuais na qualidade das fibras.

No âmbito fitossanitário, o manejo pós-colheita segue rigoroso, com foco no controle preventivo do bicudo-do-algodoeiro e na imediata destruição das soqueiras, integrando roçada mecânica e aplicações de herbicidas. A área cultivada foi ajustada para baixo em relação ao levantamento anterior.

Bahia: com o avanço da colheita, a área cultivada foi revisada para cima, confirmando o crescimento em relação à safra passada, resultado da expansão das lavouras irrigadas em contraponto à retração das áreas de sequeiro.

As áreas de sequeiro apresentam cerca de 70% da área colhida e as irrigadas cerca de 20%, com previsão de encerramento das operações até meados de setembro. A produtividade foi novamente elevada, sustentada pelo elevado nível tecnológico empregado e pelos rendimentos verificados nas áreas já colhidas.

No aspecto fitossanitário, o monitoramento permanece intensificado para a mosca-branca, diante da migração de insetos provenientes de áreas de soja em final de ciclo, e para o bicudo-do-algodoeiro, com maior pressão em algumas áreas, porém sem registros de danos econômicos relevantes.



Foto 1 - Algodão - Colheita - São Desidério-BA

Fonte: Conab.

Piauí: as condições climáticas foram favoráveis nesta safra, beneficiando a implantação e o bom desenvolvimento das lavouras, cujo ciclo coincide com o período de maiores índices pluviométricos no estado.

A colheita foi finalizada, e confirma o aumento da área cultivada. Com a apuração completa das áreas colhidas, a produtividade foi elevada em relação ao levantamento anterior.

Minas Gerais: a colheita avança e alcança cerca de 65% das áreas, concentrando-se majoritariamente sobre as lavouras irrigadas, com expectativa de encerramento até meados de setembro.

Os trabalhos em campo e nas algodozeiras evoluem sem intercorrências, observando-se melhor qualidade da fibra em relação à safra passada. As produtividades verificadas confirmam a expectativa favorável e mantêm a estimativa do levantamento anterior.

Mato Grosso do Sul: nas regiões norte e nordeste, a colheita encontra-se em fase final, favorecida pelo predomínio de tempo firme. Na região centro, as

precipitações ocorreram de forma mais abrangente, ocasionando atraso nas operações, com encerramento previsto para o início de setembro.

Apesar dos contratempos observados ao longo do ciclo, os resultados mantiveram-se favoráveis aos cotonicultores. O cenário exigiu menor intervalo entre as intervenções preventivas e corretivas, com destaque para a alta incidência de pulgões e mosca-branca, o que resultou em redução da produtividade em relação ao levantamento anterior.

O processo de destruição das soqueiras segue em operação, em cumprimento ao período de vazio sanitário.

Goiás: as condições para as áreas de sequeiro foram regulares, enquanto as áreas remanescentes, irrigadas, encontram-se em boa parte na fase de maturação, com praticamente todas as lavouras já tendo interrompido a irrigação em razão do estágio fenológico alcançado.

A área cultivada foi mantida em relação ao levantamento anterior, e a produtividade elevada, com 85% da área colhida. Na região leste, os municípios de Cristalina e Luziânia apresentam cerca de 70% da área colhida, com rendimentos que variam entre 4.500 kg/ha e 5.850 kg/ha de caroço.

Nas regiões oeste e sudoeste, a colheita encontra-se na parte final. Apesar de as lavouras do sudoeste terem enfrentado períodos de forte restrição hídrica durante a formação das maçãs, o que limitou o potencial produtivo, a qualidade geral da pluma é considerada boa, sem registro de pressão anormal de pragas ou doenças.



Foto 2 - Algodão - Colheita - Cristalina-GO

Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo da primeira safra concentra-se nos municípios de Balsas, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, no sul do estado, com implantação realizada entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026. A colheita avança com bom ritmo, com o objetivo de reduzir perdas em campo, preservar a qualidade da fibra e diminuir os riscos de incêndio.

A segunda safra, semeada entre o final de janeiro e o início de fevereiro em janela reduzida, foi exposta a condições climáticas desfavoráveis, e a interrupção precoce das precipitações entre o final de abril e maio comprometeu a emissão do ponteiro, reduzindo a formação de novas estruturas reprodutivas.

Considerando as duas safras, a área total apresenta redução em relação ao ciclo anterior, com produção superior.

Tocantins: agosto apresentou clima firme e seco, com temperaturas elevadas, favorecendo as operações de colheita.

Na primeira safra, a colheita avança no município de Dianópolis. Na segunda safra, as operações foram finalizadas em Aparecida do Rio Negro e em Tocantínia, permanecendo em andamento em Nova Rosalândia.

A área cultivada foi ajustada para cima em relação ao levantamento anterior. Estima-se que metade da produção esteja comercializada.

São Paulo: na região sudoeste, onde se concentra a produção irrigada, o algodão encontra-se totalmente colhido.

Rondônia: o clima seco e a baixa umidade favoreceram a fase final da colheita, reduzindo o risco de apodrecimento das maçãs, preservando a qualidade da fibra e permitindo a conclusão da retirada do produto do campo.

As lavouras encontram-se predominantemente em plena colheita, com desenvolvimento homogêneo e boa qualidade de pluma, configurando cenário favorável para a conclusão das operações. A área e a produtividade foram mantidas em relação ao levantamento anterior.

Ceará: na pré-estação chuvosa, em janeiro, as precipitações ficaram abaixo da média, desestimulando parte dos produtores a cultivar a fibra. Nos meses seguintes, o regime de chuvas se regularizou, com volumes acumulados entre fevereiro e maio superiores à média histórica e melhor distribuídos ao longo do período, em contraste com o ciclo anterior.

Esse comportamento resulta em dois efeitos distintos: a redução da área cultivada em algumas regiões, em virtude das incertezas geradas no início da safra, e a elevação do rendimento das lavouras em comparação ao ano anterior, favorecida pela boa distribuição das chuvas. Ainda assim, em relação à safra passada.

Paraná: a colheita foi integralmente concluída, concentrada em abril e maio, período em que as condições climáticas favoreceram a retirada das lavouras do campo antes da ocorrência de temperaturas mais baixas e geadas.

A produtividade média foi superior à registrada na safra anterior, mantendo-se a área cultivada em patamar semelhante. As chuvas registradas durante a fase final da colheita, especialmente na região norte, comprometeram a qualidade da fibra sem impactos relevantes sobre o rendimento.

Rio Grande do Norte: a cultura apresenta manutenção da área cultivada em relação à safra passada, refletindo a permanência do interesse dos produtores, favorecida pelas condições de mercado e pelas expectativas de rentabilidade.

Em contrapartida, a produtividade foi revisada para baixo neste levantamento, com reflexo sobre a produção estimada, indicando variação no desempenho produtivo da cultura no estado.

Pará: a colheita já foi concluída no estado.

Paraíba: as chuvas foram mal distribuídas ao longo da safra, com redução dos índices após as precipitações intensas registradas entre abril e maio. O inverno paraibano apresenta chuvas entre normal e abaixo da média histórica nas regiões da Mata e do Agreste, com baixo índice pluviométrico no Sertão, ainda que dentro da média histórica.

A lavoura apresenta alta proporção de áreas em condições regulares e ruins, o que se reflete em perdas, atribuídas principalmente a condições de plantio, de manejo e de clima, não tendo sido constatada a ocorrência de pragas significativas.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	DV/F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A safra de algodão do Brasil, da safra 2025/26, está prestes a terminar. O ritmo da colheita tem se desenvolvido bem devido ao clima favorável. Até 28 de agosto, 80,6% da área total já havia sido colhida. As áreas restantes serão colhidas em setembro, para dar início ao período de vazão sanitário. Segundo o 12º levantamento, da safra 2025/26, esta será a maior safra da série histórica, com expectativa de chegar a 4,14 milhões de toneladas. Esse volume é resultado de um aumento médio de 4,9% na produtividade em relação à safra anterior, apesar da redução de 3,2% na área plantada.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), as exportações brasileiras de algodão atingiram 2,08 milhões de toneladas, até agosto deste ano. Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram exportadas 1,7 milhão de toneladas, houve um aumento de 22,2% no volume. Dada a competitividade do algodão brasileiro no mercado internacional, em termos de preço e qualidade, a demanda mundial aquecida e a oferta restrita, espera-se que as exportações alcancem 3,42 milhões de toneladas neste ano, representando um aumento de 13%.

No entanto, a indústria têxtil permanece cautelosa, evitando grandes aquisições e a formação de estoques volumosos de algodão. As recentes altas da commodity fizeram com que a indústria restringisse suas aquisições, pois enfrenta dificuldade para repassar esses custos aos seus produtos. Além disso, a aplicação de tarifas pelos Estados Unidos sobre produtos têxteis brasileiros afetou as exportações do setor. Desse modo, o consumo doméstico de algodão em pluma deverá crescer 2,8% neste ano, totalizando aproximadamente 740 mil toneladas.

Desse modo, considerando o cenário exposto acima, espera-se que o estoque final de algodão no país tenha uma pequena redução de 0,48% ao fim deste ano, totalizando 2,72 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,5	720,0	3.026,0	2.736,5
2025/26	ago/26	2.736,4	4.084,6	1,0	6.822,0	735,0	2.703,0
	set/26	2.736,5	4.143,8	1,0	6.881,3	740,0	2.723,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.516,7 mil ha

- 14,0%

PRODUTIVIDADE

7.303 kg/ha

+ 1,0%

PRODUÇÃO

11.076,2 mil t

-13,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.764,0	7.232	12.757,5
2025/26	Ago./26	1.517,7	7.302	11.082,2
	Set./26	1.516,7	7.303	11.076,2

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26, da produção de arroz, está tecnicamente com a colheita concluída nas áreas de maior produção no país, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins e Mato Grosso, que no final de maio já estavam com a colheita finalizada. Ocorreram plantio em áreas cultivadas conforme o calendário agrícola da região, como no cultivo do arroz irrigado no Piauí, que, até mesmo, teve a semeadura já encerrada, ou o plantio em áreas de vazante, como nas áreas produtoras no sul do estado do Amazonas.

Confirma-se a estimativa da redução das áreas implantadas nesta safra em comparação com o ciclo anterior, principalmente em razão das condições de preço no mercado do cereal, além dos custos de produção que influenciaram de forma muito expressiva na decisão do plantio.

O desenvolvimento das lavouras em campo foi satisfatório, de uma forma geral, resultando em bons rendimentos dos grãos, assim como na porcentagem de grãos inteiros, aliás, com destaque para as lavouras na região do perímetro irrigado de Betume em Sergipe, que alcançou produtividades com rendimento muito satisfatório, ressaltando que foi realizado o mapeamento georreferenciado das áreas produtoras em Sergipe e Alagoas, conferindo as áreas implantadas nesta safra. Os mapeamentos estão disponíveis no Portal de Informações da Conab, por meio do endereço: <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/home>.

A estimativa se confirma na redução da área de produção em comparação com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.263,8 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa apontou uma redução significativa, alcançando 252,9 mil hectares nesta safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: para a safra de arroz irrigado, no ciclo 2025/26, a área cultivada apresentou 905,2 mil hectares. Quanto à produtividade, a safra é considerada satisfatória e dentro da normalidade, registrando uma média estadual de 8.641 kg/ha. As condições climáticas foram adequadas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, favorecendo bons índices produtivos, além da baixa ocorrência de registros com amplitudes térmicas extremas em campo. Embora a ocorrência de períodos de chuva, mesmo em volumes reduzidos, tenha causado lentidão pontual no ritmo das operações de

campo à época da colheita, não houve impacto negativo na qualidade dos grãos, que é considerada boa e dentro dos padrões esperados. À medida que a colheita foi evoluindo, confirmou-se o bom desempenho das lavouras, advindos de provável manejo eficiente e de adequadas reservas hídricas nas barragens, assim como nas áreas de produção ao longo do ciclo.

Os resultados foram observados na excelente qualidade dos grãos colhidos, que se destacam pelo alto rendimento de grãos inteiros e pela baixa incidência de defeitos. Com a colheita encerrada, as áreas têm se concentrado nas operações de manejo de pós-colheita, como na sistematização dos quadros e no revolvimento do solo para a incorporação da palhada, prática essencial na aceleração da decomposição.

Em relação a colheita do grão, nas regiões da Planície Costeira Externa e Zona Sul, a área foi colhida de forma mais antecipada em comparação com as regiões da Fronteira Oeste, Planície Costeira Interna e Campanha, enquanto que na região Central a operação foi mais lenta, à época, e dependeu das condições climáticas, como a alta umidade no solo durante a colheita.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encontra-se com a colheita totalmente concluída em todo o estado. Com boa qualidade dos grãos e produtividade dentro do esperado, os resultados produtivos permaneceram satisfatórios, e as condições durante a colheita foram favoráveis, no geral, permitindo bom avanço das operações e contribuindo para a qualidade final da produção, que praticamente se manteve comparada com a safra anterior.

Tocantins: nas áreas com arroz irrigado (primeira safra), após finalizada a colheita, foi realizado o rápido preparo de solo e a semeadura das culturas de segunda safra nas várzeas irrigadas, que ainda com condições de chuvas contínuas teve o plantio estendido dentro da janela de semeadura,

apresentando bons rendimentos em campo, mas com boa qualidade, acima de 60% de grãos inteiros.

Para o arroz de sequeiro (primeira safra), a colheita já foi finalizada, sendo nas áreas com plantio tardio, especialmente aquelas semeadas em fevereiro, os rendimentos foram inferiores devido à redução das chuvas durante a fase de enchimento dos grãos.

Maranhão: a área de plantio de arroz de sequeiro no Maranhão foi estimada em 61 mil hectares, devido ajustes na área de produção no sul do estado. A produtividade estimada foi também com redução, em relação ao ciclo anterior, devido à diminuição de área de cultivo com uso de alta tecnologia, além da ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta de chuvas no plantio, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, e alta umidade no período da colheita. Para o cultivo de arroz irrigado no estado, o plantio ocorreu na última semana de junho de 2025 e foi finalizado em dezembro de 2025, correspondendo a aproximadamente 6% da área de produção de arroz total.

A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra. Já o plantio do arroz de sequeiro ocorreu entre dezembro de 2025 e meados de fevereiro de 2026, enquanto que a colheita foi iniciada em abril de 2026, já sendo finalizada em todas as regiões do estado. Houve incidência de brusone, doença fúngica, em razão da alta umidade, gerando redução da produtividade de algumas áreas.

A área de plantio apresentou uma significativa retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços baixos do produto no mercado, inclusive, em algumas regiões, abaixo do custo de produção, o que desestimulou o plantio, ocorrendo substituição

para culturas mais rentáveis, como soja ou milho.

Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, ocorrendo a substituição pelo cultivo da soja em algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado, para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, quando utilizam o arroz como cultura pioneira. Além disso, a menor intenção de plantio tem ocorrido devido dificuldade na comercialização, aumento nos custos de produção, principalmente quando relacionado às pequenas áreas de produção da agricultura familiar.

Piauí: para o cultivo do arroz irrigado, o período de plantio no estado inicia em maio e já foi concluído, com as lavouras em bom desenvolvimento em campo. Para esta safra deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Já o cultivo em sequeiro ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja.

Nesta safra, confirma-se uma redução de área de aproximadamente 9% em relação à safra anterior, redução atribuída ao deficit hídrico no sudeste do estado. A colheita já está finalizada, registrando um aumento de produtividade em torno de 7%, atribuído ao bom desenvolvimento das lavouras no sudoeste, centro-norte e norte do estado.

Rondônia: no cultivo do arroz de sequeiro de segunda safra no estado houve a redução expressiva das chuvas, predomínio de dias ensolarados, mas com temperaturas dentro dos padrões normais para a época. As temperaturas permaneceram adequadas para o desenvolvimento da cultura, variando entre 20 °C e 33 °C, favoráveis às plantas, contribuindo para a qualidade dos grãos e à redução de problemas fitossanitários, enquanto as áreas mais tardias

dependeram da umidade residual do solo para manter o bom desenvolvimento das lavouras, principalmente nas áreas em fases reprodutivas finais. Contudo, do total de áreas previstas para 2025/26, o plantio não alcançou a previsão e consolidou numa queda drástica na área de produção, comparando-se com a estimativa inicial.

Goiás: a área total cultivada manteve-se inalterada em relação ao levantamento anterior, sendo 22,3 mil hectares de arroz irrigado e 1,5 mil hectares de sequeiro. As produtividades médias obtidas foram de 2.400 kg/ha para o arroz de sequeiro, sendo condicionada sobretudo pela distribuição irregular das chuvas ao longo do ciclo, apesar das precipitações na fase inicial tenham favorecido o bom estabelecimento da cultura, as chuvas na etapa final do ciclo comprometeram um pouco a qualidade dos grãos. Em relação ao arroz irrigado, o controle fitossanitário mostrou-se eficiente no manejo em campo e a baixa umidade relativa do ar contribuiu para a menor incidência de doenças fúngicas nas lavouras.

Os principais municípios produtores de arroz concentram-se principalmente nas regiões sul, oeste e norte do estado, além de pequenas áreas na região central. Os fatores que influenciaram a produtividade do arroz de sequeiro foram a distribuição irregular das chuvas durante o ciclo da cultura e a redução do pacote tecnológico, diante de questões mercadológicas. Já no arroz irrigado, as doenças foram controladas, visto que a umidade baixa não favoreceu o aparecimento de doenças fúngicas.

Pará: o cultivo do arroz de sequeiro de primeira safra, com a colheita encerrada, apresentou redução na área em virtude do preço no mercado e o custo de produção elevado, além de ajustes em recuos nas áreas plantadas nas regiões de Paragominas, Redenção e Santarém, assim como a alta oferta de arroz no mercado.

Nas áreas de lavouras irrigadas, a colheita já havia sido concluída e apresentou boas condições em campo, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, porém sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone durante o desenvolvimento da cultura em campo.

Minas Gerais: as lavouras de arroz encontram-se colhidas no estado. Foi identificado um incremento na área irrigada nos últimos levantamentos, principalmente na região noroeste, ajustando os números finais para a cultura. Desse modo, nesta safra, o arroz de sequeiro produziu 6,6 mil toneladas, numa área total de 2,4 mil hectares, com produtividade de 2.768 kg/ha. Já as lavouras irrigadas produziram 73,4 mil toneladas, numa área de 14,3 mil hectares.

Paraíba: nas lavouras de arroz de sequeiro, as chuvas foram mal distribuídas ao longo da safra. Após intensas chuvas entre abril e maio, houve uma redução nos índices pluviométricos, com o inverno paraibano marcado por chuvas entre normal e abaixo da média histórica, sobretudo nas regiões da Zona da Mata e Agreste do estado. A produção no estado tem uma área diminuta em comparação com a produção nacional e é toda comercializada e consumida regionalmente.

Amazonas: a temperatura mais alta e menor quantidade no volume de precipitações, bem característica do período, são condições que favoreceram a maturação, a secagem dos grãos e a colheita, fase em que se encontra a maioria da cultura no estado. Contudo, para o cultivo do arroz de sequeiro, as chuvas foram consideradas abaixo da média para esse período, tendência de plantio em vazante, e temperaturas acima da média no sul do Amazonas pode ter contribuído para limitar o desempenho produtivo.

Verificou-se um aumento na área da produção de 39% em relação à safra anterior e 22,7% em relação ao levantamento anterior, contudo com a produtividade em queda, ou seja, a produção aumentou em razão da área, mas a produtividade sugere uma perda de eficiência e possível reflexo de baixo investimento em um cenário de preços pouco atrativos no mercado do cereal.

Ceará: para o arroz irrigado de segunda safra, as chuvas ficaram dentro da normalidade, garantindo bom aporte de água nos açudes. Assim, não há pressão sobre as culturas irrigadas. Para o arroz de sequeiro segunda safra, com a variação da ocorrência de chuvas nas áreas em produção, houve uma queda na área plantada em algumas regiões devido à pré-estação chuvosa muito abaixo do esperado e uma elevação no rendimento das culturas em comparação ao ano anterior devido à boa distribuição das chuvas noutras áreas.

Sergipe: houve a conclusão do mapeamento das áreas de arroz no estado por georreferenciamento, apresentando 5.410 hectares na safra 2025/26. A safra principal no estado é cultivada no maior perímetro irrigado, em Betume e se estende nas microrregiões produtoras que não fazem parte de qualquer perímetro irrigado. De acordo com as informações coletadas, o resultado alcançado de produtividade no perímetro irrigado de Betume é considerado muito bom, 9.800 kg/ha, comparando-se com qualquer outro plantio na região do baixo São Francisco, essa condição repete ao longo dos anos em razão dos avanços tecnológicos e bons tratos culturais, aliados à condição climática favorável na presente safra. Para a segunda safra de verão, houve replantio ou uso da planta soca com redução significativa em consequência do preço praticado no mercado e aumento nos custos de produção.

Em relação ao desenvolvimento da cultura dos plantios de verão, segunda safra, houve queda no rendimento alcançado, resultado do prejuízo causado por “plantas invasoras”, como o arroz grande, presentes em maior quantidade na safra de verão, impactando diretamente na redução da produção.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	C
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz para a safra 2025/26, agora projetada em 11,1 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 13,2% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa

de diminuição de -14% na área plantada da cultura no ciclo em curso.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Quanto ao mercado externo, na safra 2024/25 identificou-se um aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 1,9 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte, 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem continuar o movimento de crescimento, sendo estimado um volume de 2 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com um volume identificado de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e, projetado, na safra 2025/26, no mesmo montante. O consumo interno está estimado em 10,9 milhões de toneladas na safra 2024/25, sendo o aumento de demanda interna, no período, estimado em face dos menores preços comercializados no varejo. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em comportamento próximo da estabilidade, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25, fevereiro de 2026, alcançando 2,2 milhões de toneladas devido ao excedente de oferta no período. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques, fevereiro de 2027, com projeção de 1,8 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25		496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,0	10.863,8	1.883,8	2.188,2
2025/26	ago/26	2.188,2	11.082,2	1.300,0	14.570,4	10.800,0	2.100,0	1.670,4
	set/26	2.188,2	11.076,2	1.300,0	14.564,4	10.800,0	1.953,4	1.811,0

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em setembro/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.540,4 mil ha

-5,7%

PRODUTIVIDADE

1.161 kg/ha

+2,2%

PRODUÇÃO

2.950 mil t

-3,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz fazem da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela Companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Ago./26	793,0	1.228	973,9
	Set./26	793,0	1.228	973,9

Fonte: Conab.

Em âmbito nacional, o ciclo foi menos prolífico que 2024/25, principalmente por conta da redução de área plantada em várias regiões, exceção feita apenas à Minas Gerais. Fatores mercadológicos (preços menos rentáveis do feijão frente a outras culturas à época), climáticos e fitossanitários, especialmente a alta pressão de mosca-branca, limitou o cultivo da cultura em alguns locais, o que levou ao produtor optar por outras oportunidades.

No quesito produtividade média, as condições climáticas foram determinantes para a evolução e desempenho da cultura. Houve oscilação, especialmente no aspecto pluviométrico, entre as diferentes regiões e também ao longo do ciclo. De maneira geral, o início das chuvas foi postergado na maioria das localidades e isso levou a um plantio mais tardio. Porém, à medida que o ciclo avançou, as precipitações passaram a ser mais regulares e com melhor distribuição, levando as lavouras a apresentarem bons resultados, na maior parte das áreas em produção. A maior exceção foi na Região Sul, onde as altas temperaturas e os períodos de estiagem no primeiro bimestre de 2026 reduziram o potencial produtivo de algumas áreas.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produ- ção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
DF	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		1.423,0	875	1.244,7
2020/21		1.446,4	787	1.137,8
2021/22		1.419,1	945	1.341,1
2022/23		1.326,2	962	1.275,8
2023/24		1.528,2	990	1.512,2
2024/25		1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Ago./26	1.356,7	963	1.306,3
	Set./26	1.372,1	955	1.309,9

Fonte: Conab.

A safra está em iminente conclusão, restando algumas áreas mais tardias para serem colhidas, especialmente na Região Nordeste.

No geral, o ciclo apresentou intempéries climáticas importantes ao longo do ciclo, especialmente nas Regiões Sul e Centro-Oeste, o que levou à redução do potencial produtivo em algumas dessas áreas, comprometendo a média regional de produtividade. Já no Nordeste e Sudeste, embora as chuvas estivessem mais escassas na fase final do ciclo, não houve prejuízo significativo ao rendimento da cultura, pois o começo da safra dispôs de condições favoráveis, principalmente no aspecto pluviométrico e térmico, permitindo que as lavouras tivessem bom desenvolvimento e vigor vegetativo.

Assim, no âmbito nacional, houve produtividade média similar àquela obtida 2024/25, considerando o equilíbrio entre as perdas e ganhos nas principais regiões produtoras. Já a área plantada sofreu um decréscimo em comparação ao mesmo período, com destaque para a redução na principal região produtora, que é a Região Sul, em que questões relacionadas ao preço,

calendário de plantio, clima e aspectos fitossanitários influenciaram essa variação.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: as últimas lavouras foram colhidas ainda no começo de julho, concluindo o ciclo da cultura no período.

De maneira geral, embora a cultura tenha apresentado um bom desenvolvimento inicial, as condições climáticas passaram a ser desfavoráveis às lavouras, especialmente àquelas de ciclo mais tardio, quando elas ingressaram nos estádios reprodutivos, registrando períodos de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante a etapa de enchimento de grãos, contribuindo para perdas localizadas.

Já no final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade dificultaram o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Assim, a produtividade e a qualidade dos grãos foram reduzidas, ficando com uma média de rendimento inferior à safra 2024/25.

Vale pontuar também que neste ciclo houve diminuição de área plantada em comparação ao ano passado, especialmente em relação a mercado, pelo custo de oportunidade de optar por outros cultivos ou pelo estrangulamento da janela ideal de plantio em razão do atraso na colheita das lavouras de primeira safra que antecederam tal cultivo.

Minas Gerais: a colheita avançou e foi finalizada em julho. Embora tenham ocorridos perdas pontuais de qualidade por conta de episódios de chuvas extemporâneas durante a maturação e colheita de algumas áreas, a maioria dos grãos obtidos apresentou bons parâmetros, além de bom rendimento, alcançando uma média de produtividade acima daquela obtida no ano passado e também levemente superior ao valor estimado no levantamento anterior.

O fator climatológico, com boa distribuição de chuvas e temperaturas mais amenas durante boa parte do ciclo, além de um quadro fitossanitário mais favorável, com menor pressão de pragas sobre a cultura, principalmente mosca-branca, colaboraram para esse melhor desempenho das lavouras em termos de produtividade em relação a 2024/25.

A área plantada também apresentou crescimento em comparação à temporada passada, permitindo um resultado final ainda mais prolífico.

Mato Grosso: a colheita foi concluída no início de junho, e confirmou as expectativas de uma boa produtividade média, similar a 2024/25, embora a área total semeada tenha sido inferior ao ciclo passado, com uma grande concorrência com outros cultivos, como milho e sorgo.

Bahia: o ciclo segue em suas fases mais agudas, com as lavouras se apresentando entre os estádios de enchimento de grãos, maturação e colheita.

O cultivo, que é irrigado, tem demonstrado ótimo desenvolvimento, com perspectiva de elevado potencial produtivo, não só pelos aspectos edafoclimáticos favoráveis, mas também pelo melhor controle fitossanitário, com menor pressão de doenças e pragas, especialmente a mosca-branca.

Mato Grosso do Sul: as últimas lavouras remanescentes, presentes no oeste do estado, foram colhidas ainda no início de agosto. E justamente nessas áreas de colheita mais tardia é que se observou redução no potencial produtivo, em virtude de chuvas mais irregulares, especialmente durante a estação de inverno, bem como pelo menor nível tecnológico da cultura nessa localidade, com utilização de sementes salvas e aplicação de fungicidas ineficientes para o controle de bacterioses, como a *Xanthomonas axonopodis* pv. *Phaseoli*, limitando o rendimento médio de algumas áreas na região.

Já na região sul do estado, o ciclo da cultura apresentou chuvas regulares e, conseqüentemente, potencial produtivo dentro do esperado. Ali, a colheita foi encerrada no fim de julho.

Paraíba: as chuvas têm sido irregulares ao longo do ciclo, já que o início do período registrou precipitações constantes e volumosas e, a partir dos últimos dois meses, essas precipitações se tornaram mais escassas, com distribuição heterogênea entre as regiões da Zona da Mata, Agreste e Sertão, essa última sendo a que apresenta um deficit pluviométrico mais acentuado.

Esse cenário oscilante levou alguns produtores a desistirem do plantio mais tardio, redundando em diminuição na área plantada, além de tal escassez hídrica levar a um desenvolvimento irregular das lavouras em algumas áreas, devendo acarretar em redução no potencial produtivo.

Quanto às condições gerais da cultura em campo, pouco mais 70% da área semeada foi colhida até o fim de agosto, e as lavouras remanescentes seguem desde a floração a cultivos em maturação. As lavouras tardias apresentam estresse hídrico mais proeminente, algo que deve influenciar no potencial produtivo.

Pernambuco: a colheita foi concluída em julho, favorecida pelo clima mais seco que perdurou no Agreste do estado, recentemente. Aliás, esse cenário de maior escassez de chuvas fez com que algumas lavouras, especialmente as mais tardias, demonstrassem estresse hídrico durante os estádios reprodutivos, o que culminou em uma diminuição pontual do potencial produtivo. Ainda assim, a média de produtividade foi superior àquela alcançada em 2024/25.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: assim como no feijão cores, a cultura, que já foi totalmente colhida, apresentou bom desenvolvimento inicial, com ótimas condições gerais para a evolução vegetativa das lavouras. Contudo, a partir da fase reprodutiva, os fatores climatológicos passaram a ser desfavoráveis, com registros de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante a etapa de enchimento de grãos, contribuindo para perdas localizadas. Ainda na reta final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade dificultaram o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Dessa forma, o feijão-preto, que tem grande distribuição de área ao longo das diferentes regiões do estado, apresentou perdas de potencial produtivo e de qualidade ocasionadas por essas adversidades climáticas, levando a produtividade média inferior à safra 2024/25, porém com ajuste e leve incremento em comparação à estimativa do levantamento passado, mediante a um melhor resultado em algumas lavouras mais tardias de certas regiões menos afetadas pelas adversidades climáticas.

Outro ponto de destaque nesse ciclo foi a diminuição substancial de área plantada em relação ao ano passado. Questões de mercado, o custo de oportunidade em optar por outros cultivos ou, até mesmo, o estrangulamento da janela ideal de plantio em razão do atraso na colheita das lavouras de primeira safra foram alguns dos principais fatores que levaram a essa redução.

Santa Catarina: a colheita foi concluída no último decêndio de junho. No geral, as produtividades apresentaram elevada variabilidade entre as regiões, com grande diferença também entre as lavouras mais precoces e mais tardias, já que nesse fim de ciclo houve episódios de frio intenso, geadas e chuvas, o que não só reduziu o potencial produtivo como a qualidade de algumas dessas lavouras de plantio posterior.

Ainda assim, a média de produtividade ficou ligeiramente superior à temporada passada, embora neste ano o cultivo tenha sofrido redução na área plantada em comparação ao mesmo período.

Rio Grande do Sul: a colheita foi concluída ao final de junho.

A área plantada teve redução nesta safra em comparação ao ano passado, principalmente pelo preço recebido pelos produtores desde antes da semeadura.

Já em relação ao desempenho da cultura no ciclo, a safra nas lavouras de sequeiro, aproximadamente 80% da área cultivada ficou marcada por dificuldades no período ideal de semeadura em razão da irregularidade das chuvas observadas em janeiro e fevereiro. As condições meteorológicas seguiram proporcionando condições de umidade insuficientes para o bom desenvolvimento vegetativo das plantas, refletindo em plantas com porte e vigor aquém do ideal. As chuvas voltaram a apresentar mais regularidade

no período crítico da cultura, mas as perdas no potencial das lavouras já estavam consolidadas. Nas lavouras semeadas mais tardiamente, houve danos decorrentes das geadas observadas em maio e junho. Por fim, no período de colheita foram registradas algumas chuvas em dias consecutivos, condição que impactou a qualidade dos grãos.

Nas áreas irrigadas, perto de 20% da área cultivada, a condição das lavouras foi melhor. A irrigação permitiu boa disponibilidade hídrica nos momentos importantes do desenvolvimento vegetativo e da fase reprodutiva. As lavouras foram semeadas mais cedo e, assim, foram beneficiadas por melhores condições de luminosidade e temperatura durante o ciclo e não foram prejudicadas pelas geadas.

No geral, o rendimento acabou ficando abaixo do esperado, com média estadual ligeiramente inferior ao ano passado.

Minas Gerais: a colheita foi finalizada ainda em julho. De maneira geral, os resultados quantitativos foram positivos, mesmo com as oscilações climáticas ao longo do ciclo. Na média, a produtividade foi superior a 2024/25, influenciada tanto por melhores condições climatológicas como por aspectos fitossanitários mais favoráveis, em especial no controle de pragas e doenças.

Com relação à qualidade dos grãos, as chuvas no último final do ciclo acabaram por impactar alguns lotes em certas regiões do estado, porém, na média, o produto colhido apresentou bom padrão comercial.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: a a colheita foi finalizada em julho. Embora a safra tenha registrado redução na área plantada em relação a 2024/25, especialmente por conta do início de ciclo com condições climáticas desfavoráveis, o decorrer da temporada se mostrou diferente, com condições gerais que beneficiaram a cultura, principalmente no aspecto pluviométrico, levando a uma produtividade média superior à da temporada passada. Vale ressaltar que as chuvas no final do ciclo foram mais escassas e acabaram por reduzir parte do potencial produtivo nas lavouras mais tardias, porém mantendo a estimativa anterior de incremento na média de rendimento.

Bahia: diferentemente do feijão-comum cores de segunda safra, esse cultivo é manejado em sequeiro, algo que o tornou mais susceptível às oscilações climáticas que ocorreram no oeste baiano, principal região produtora do feijão de segundo ciclo na Bahia, nesses últimos meses, especialmente no aspecto das chuvas. Embora as precipitações tenham sido positivas no início do ciclo, permitindo uma boa implantação das lavouras e uma evolução vegetativa satisfatória, as pluviosidades se tronaram mais escassas e com pior distribuição entre as áreas de produção, levando a um quadro de estresse hídrico em algumas lavouras, justamente nas fases reprodutivas críticas, como floração e enchimento de grãos, estádios que requerem maior demanda de água para a formação e desempenho dos grãos.

Assim, as lavouras, especialmente as de plantio mais tardio, sofreram com esse cenário, reverberando sobre a produtividade média da cultura, com diminuição do potencial produtivo.

A colheita evoluiu bastante nas últimas semanas, favorecida pelo clima mais seco, que beneficiou a maturação dos grãos e as operações de sega, que foram concluídas ao final de julho.

Mato Grosso: o tempo mais seco e estável favoreceu a maturação e secagem dos grãos nas lavouras remanescentes, permitindo a conclusão da colheita ainda no começo de julho.

Apesar dos registros pontuais de deficit hídrico durante parte do ciclo, a cultura apresentou bom desenvolvimento e se beneficiou um volume pluviométrico satisfatório, especialmente entre maio e junho, com ocorrência de frente fria e chuvas extemporâneas. Isso influenciou positivamente no desempenho da cultura na safra, que foi considerada bastante produtiva, com uma média de produtividade ligeiramente superior à alcançada em 2024/25.

Além disso, o ciclo teve aumento na área plantada em relação ao exercício passado, tanto por uma questão mercadológica como também por uma opção de manejo, visto que o atraso do calendário de plantio e colheita das culturas de primeira safra acabaram estrangulando a janela ideal de plantio das culturas de segundo ciclo, tornando o feijão uma alternativa interessante, por ter um ciclo produtivo mais curto se comparado a outras culturas usuais desse período, como milho e sorgo. Isso deve elevar consideravelmente a produção total do grão quando comparado ao resultado obtido na temporada anterior.

Tocantins: as lavouras em sequeiro já tiveram sua colheita concluída desde julho, confirmando o incremento de área em relação a 2024/25 e também apresentando um rendimento médio satisfatório, embora as lavouras tenham perdido parte do seu potencial produtivo reduzido em virtude do clima mais seco e de poucas chuvas na parte final do ciclo.

Quanto às áreas de cultivo irrigado, que têm o plantio tradicionalmente mais tardio, estão atualmente entre as fases de maturação/dessecação e efetiva colheita. De maneira geral, a cultura manejada sob essa condição

tem demonstrado bom desenvolvimento, com perspectiva de potencial produtivo mais elevado em razão da utilização de irrigação suplementar nos momentos de deficit hídrico, algo que ocorreu nos últimos meses, por conta do menor volume de chuvas nas regiões produtoras, destaque para as regiões de Formoso do Araguaia, Pium e Lagoa da Confusão, com suas áreas de várzea destinadas ao cultivo irrigado.

Assim, embora as lavouras irrigadas, que apresentam maior potencial produtivo estejam registrando bons resultados, a média estadual deverá ser impactada pelas perdas nas lavouras de sequeiro, com colheita mais tardia.

Já em relação à estimativa de área plantada, houve aumento significativo em comparação a 2024/25 devido a incremento nas áreas de sequeiro, principalmente por conta da elevação recente nos preços do grão, algo que estimulou os produtores, além do estrangulamento da janela ideal de semeadura de outras opções de cultivo na segunda safra, como o milho, em razão do atraso na colheita das lavouras antecedentes de primeira safra.

Maranhão: a colheita avançou bastante e foi concluída no último mês.

As estimativas de aumento na produtividade média em comparação com a temporada passada e também de redução na área plantada se confirmaram. Em relação à área plantada, justifica, principalmente, pelas melhores condições climáticas no atual ciclo, especialmente no quesito pluviométrico, com chuvas mais regulares e bem distribuídas ao longo da maior parte do ciclo. Já a diminuição na área plantada esteve ligada ao menor estímulo dos produtores ao plantio da cultura e pela competição de área com outros cultivos.

Piauí: a colheita foi encerrada em julho. De maneira geral, as lavouras mais tardias apresentaram reduções mais expressivas no potencial produtivo,

principalmente em razão da escassez de chuvas nas fases mais críticas do ciclo, como enchimento de grãos e floração. Assim, a média de produtividade da cultura reduziu e ficou bem abaixo do resultado obtido na temporada passada.

Um fator atenuante é que nesse ciclo houve aumento na área plantada em comparação ao ano anterior, com substituição especialmente em áreas de milho segunda safra, que ficaram com um calendário de plantio estrangulado e assim optou-se por uma cultura de ciclo mais curto, como o feijão.

Paraíba: as chuvas têm sido irregulares ao longo do ciclo, já que o início do período registrou precipitações constantes e volumosas, e a partir dos últimos dois meses, essas precipitações se tornaram mais escassas, com distribuição heterogênea entre as regiões da Zona da Mata, Agreste e Sertão, essa última sendo a que apresenta um deficit pluviométrico mais acentuado.

Esse cenário oscilante levou alguns produtores a desistirem do plantio mais tardio, redundando em diminuição na área plantada, além de tal escassez hídrica levar a um desenvolvimento irregular das lavouras em algumas áreas, devendo acarretar em redução no potencial produtivo.

Quanto às condições gerais da cultura em campo, pouco mais de 75% da área semeada foi colhida até o fim de agosto, e as lavouras remanescentes seguem desde o desenvolvimento vegetativo a cultivos em maturação. As lavouras tardias apresentam estresse hídrico mais proeminente, o que deve influenciar negativamente o potencial produtivo da cultura.

Pernambuco: a colheita foi concluída em julho, favorecida pelo clima mais seco que perdurou no Agreste do estado, recentemente. Aliás, esse cenário de maior escassez de chuvas fez com que algumas lavouras, especialmente

as mais tardias, demonstrassem estresse hídrico durante os estádios reprodutivos, o que culminou em uma diminuição pontual do potencial produtivo. Ainda assim, a média de produtividade foi superior àquela alcançada em 2024/25.

Goiás: a colheita foi concluída ainda no início de julho. O clima mais seco, comum nesse período do ano, auxiliou na secagem e maturação dos grãos mais tardios e viabilizou a operação de colheita nessas áreas derradeiras.

Vale pontuar que as lavouras mais tardias confirmaram a perspectiva de redução no potencial produtivo em razão da menor pluviosidade durante as suas fases de floração e enchimento de grãos.

Contudo, essa diminuição atenua o resultado final do ciclo em razão do crescimento de área plantada ocorrido neste ano, que se deu principalmente pelo estreitamento da janela de plantio para outras culturas de segunda safra, como o milho, optando-se por um cultivo de ciclo mais curto, como o feijão.

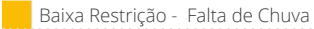
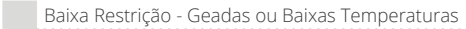
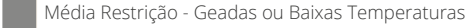
QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
CE	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
MT	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C		
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C		
	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
SC	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		581,0	1.253	728,0
2019/20		588,8	1.481	872,1
2020/21		567,8	1.373	779,6
2021/22		530,6	1.333	707,2
2022/23		516,0	1.574	813,0
2023/24		470,2	1.680	789,9
2024/25		384,4	1.726	663,7
2025/26	Ago./26	381,9	1.783	681,0
	Set./26	375,3	1.775	666,2

Fonte: Conab.

As lavouras estão em pleno desenvolvimento, apresentando boas condições gerais na maioria das áreas produtoras, tendo como principal exceção as lavouras na Região Nordeste, especialmente na Bahia, onde a irregularidade e o pouco volume pluviométrico têm sido fatores importantes neste ciclo e devem levar a uma frustração de expectativa em relação à indicação de área a ser plantada, justamente por conta da escassez de chuvas durante as fases de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras.

Já nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, embora haja diferença de pluviosidade entre os estados, as chuvas que ocorreram até então permitiram a manutenção do nível hídrico adequado nos solos e garantiu o abastecimento dos reservatórios para a utilização de irrigação suplementar em boa parte das áreas produtoras nessa terceira safra.

FEIJÃO-COMUM CORES

Mato Grosso: assim como houve avanço na colheita naquelas áreas de plantio mais precoce, houve também a conclusão da semeadura no estado em agosto. Além disso, nessas áreas de cultivo mais tardio se observou redução na intenção de plantio, com substituição por outras leguminosas, o que diminuiu a estimativa de área do feijão em comparação com o projetado no levantamento passado, mas ainda segue com um incremento em relação à temporada 2024/25.

No geral, o ciclo vem se mostrando satisfatório para a cultura, embora haja registros pontuais de perdas em algumas áreas, especialmente por questões fitossanitárias, como ataques de pragas e doenças, destacando-se maior incidência de *Fusarium* em algumas lavouras, o que deve reduzir o potencial produtivo da cultura, com previsão de diminuição da produtividade média em comparação com a safra passada.

No aspecto edafoclimático, embora o clima tenha se mostrado mais seco, com menor volume pluviométrico nos últimos meses, a utilização de irrigação suplementar ajuda no atendimento da demanda hídrica da cultura nas suas fases fenológicas.

Atualmente, cerca de 30% da área total está colhida, porém ainda há lavouras em desenvolvimento vegetativo em campo, algo que deve postergar a conclusão do ciclo.

Minas Gerais: o ciclo está se encaminhando para a parte final, com cerca de 70% da área colhida até o fim de agosto, e expressivo destaque para o avanço das operações no noroeste do estado, que é a principal região produtora de feijão nesse período.

De maneira geral, o ciclo vem sendo melhor do que no ano passado, especialmente pela menor pressão de mosca-branca (*Bemisia tabaci*) registrada nesse ciclo

em comparação com a temporada passada, que foi bastante prejudicada pelas perdas fitossanitárias ligadas a essa praga. No entanto, a recente elevação nas temperaturas e a baixa pluviosidade favoreceram a infestação de outras pragas, com destaque para a mosca-minadora (*Liriomyza* spp.), que cresceu significativamente e levou a perdas em algumas lavouras, especialmente no noroeste do estado, reduzindo assim o potencial produtivo da cultura como um todo.

Pernambuco: embora as chuvas tenham sido irregulares nos últimos meses no Agreste do estado, onde se concentra o cultivo, as lavouras mais tardias acabaram apresentando bom desempenho. E agora, com a conclusão da colheita no estado, pôde-se observar uma média de produtividade bastante satisfatória, similar à observada em 2024/25 para a cultura nesse período.

Vale pontuar que com o encerramento do ciclo foi feito um ajuste na estimativa de área plantada e se constatou leve diminuição em relação à previsão do levantamento passado, justificando-se pela substituição de cultivo em algumas áreas na região de Garanhuns, com adoção de culturas como mandioca e milho como principais alternativas.

Goiás: as temperaturas mais baixas no período noturno favoreceram o desempenho da cultura irrigada. Ocorreram alguns picos de temperaturas baixas, mas sem relatos de geadas. A pressão de pragas e doenças é considerada baixa, e a sanidade das plantas é boa, excetuando a região norte, onde a pressão de mosca-branca (*Bemisia tabaci*) tem sido um problema constante, porém de maneira pontual, sem perdas significativas no rendimento médio da cultura.

A colheita alcançou em torno de 90% no estado, com grande evolução especialmente na região do Vale do Araguaia e no Leste goiano. As operações estão bastante escalonadas em razão dos diferentes estádios de desenvolvimento e também dos preços que estão em queda na maior parte do mês, porém com

um pequeno acontecimento na última semana. Devido ao bom manejo cultural, o controle de doenças e pragas se mostrou efetivo em praticamente todas as regiões produtoras. Soma-se a isso, a qualidade do grão coletado que é considerada excelente.



Foto 3 - Feijão cores 3ª safra irrigado - Em maturação - Campo Alegre de Goiás-GO

Fonte: Conab.

Foto 4 - Feijão cores 3ª safra irrigado - Maturação - Campo Alegre de Goiás-GO



Fonte: Conab.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, as condições climáticas nesse ciclo se mostraram bastantes desafiadoras à cultura na maior parte do ciclo, devendo impactar no resultado final da safra.

O volume das chuvas foi menor e com uma distribuição temporal e espacial irregular, o que levou à escassez hídrica nos solos e dificultou a implantação das lavouras, reduzindo o estande de plantas, além de ter prejudicado o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, com encurtamento dos estádios fenológicos a fim de minimizar as perdas.

Atualmente, a safra está em sua parte final, com a grande maioria das lavouras já colhidas, confirmando as perdas de produtividade, além de uma pequena parcela de lavouras remanescentes que se encontram entre enchimento de grãos e maturação.

Alagoas: a persistência do cenário de poucas chuvas, especialmente na região do Sertão alagoano, influenciou diretamente na produção da cultura no estado. Os períodos de estiagem prolongada em algumas áreas fizeram com que muitos produtores deixassem de plantar a cultura, levando à redução na estimativa de área total.

Além disso, houve menor disponibilidade hídrica nos solos para a evolução fenológica satisfatória das lavouras implantadas, gerando plantas com vigor vegetativo diminuto e até abortamento de flores e vagens, principalmente no Sertão, na região do Agreste, onde também é semeada a cultura no período, e as condições foram menos críticas. Isso levou à redução do potencial produtivo, redundando em uma estimativa de redução também na produtividade média no estado.

Atualmente, as lavouras estão em fase final de colheita, até pelo encurtamento do ciclo em virtude da falta de água para as plantas durante o seu desenvolvimento fenológico.

Paraná: o cultivo, que se concentra principalmente em áreas das regiões norte e nordeste do estado, teve sua semeadura concluída no último mês.

A cultura tem baixa representatividade nesse terceiro período, ocorrendo em pequenas áreas, muitas vezes associado à agricultura familiar e à produção de subsistência. Não obstante, pela pouca demanda local, a área plantada nesse ciclo foi ainda menor do que em anos anteriores.

Quanto às condições gerais das lavouras em campo, o ciclo está em sua fase final, com cerca de 40% da área colhida até o fim de agosto e o restante das lavouras já em maturação e pré-colheita. De maneira geral, há bom desempenho e boa qualidade nos grãos obtidos até o momento.

Tocantins: o cultivo ocorre de maneira bem pontual, concentrando-se em uma pequena área, com manejo totalmente irrigado.

Atualmente, as lavouras já se encontram nas fases reprodutivas do ciclo, com uma parcela de área colhida e as remanescentes figurando entre os estádios de floração e maturação. O clima firme e seco que predominou no último mês contribuiu para os tratos culturais e manejo da irrigação. Mesmo com temperaturas elevadas, não há registro de interferência no desenvolvimento das plantas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: apesar das irregularidades hídricas e as oscilações pluviométricas especialmente nas últimas semanas, houve bom desenvolvimento e recuperação do potencial produtivo da cultura, reavaliando a estimativa anterior de diminuição na produtividade média.

O cenário atual, mais seco, favoreceu a fase final de maturação e colheita da leguminosa, que foi concluída ainda em agosto.

Paraíba: o cultivo se concentra na região do Agreste, onde as chuvas, embora irregulares, permitiram um desenvolvimento inicial satisfatório na maioria das áreas semeadas. Assim, as lavouras de plantio mais precoces têm apresentado bom desempenho, até mesmo com grande parte delas efetivamente colhidas, cerca de 70% da área total. Já nas lavouras mais tardias, que estão atualmente em enchimento de grãos e maturação, tiveram algum impacto no potencial produtivo em razão das chuvas mais oscilantes nas últimas semanas. No geral, ainda há previsão de uma safra mais prolífica que no ano passado, com aumento tanto na área plantada como na produtividade média, comparadas ao exercício anterior, que foi prejudicada por adversidades climáticas.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: apesar das irregularidades hídricas e das oscilações pluviométricas especialmente nas últimas semanas, houve bom desenvolvimento e recuperação do potencial produtivo da cultura, reavaliando a estimativa anterior de diminuição na produtividade média.

O cenário atual, mais seco, favoreceu a fase final de maturação e colheita da leguminosa, que foi concluída ainda em agosto.

Vale pontuar a redução na área plantada em comparação a 2024/25, que ocorreu principalmente na região de Garanhuns e se deu por meio de substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Bahia: a colheita avança e vai confirmando a estimativa de redução no potencial produtivo, principalmente pelas condições climáticas desfavoráveis que permaneceram na maior parte do ciclo, com destaque para as áreas em produção no centro-norte baiano. Ali, as chuvas foram ainda mais escassas e de distribuição

desuniforme, algo que prejudicou o desenvolvimento adequado das lavouras. Nesse sentido, a estimativa é de expressiva redução na produtividade média.

Pará: o cultivo se concentra principalmente no nordeste do estado, onde o ciclo pluviométrico tem sido bem prolífico nessa temporada. Com essa boa disponibilidade hídrica, as lavouras têm demonstrado boas condições, com a maioria delas estando entre as fases de floração, enchimento de grãos e maturação.

Alagoas: neste levantamento, registrou-se redução significativa na área plantada em relação ao divulgado no mês anterior por conta da não efetivação de produção do feijão-caupi em áreas de rotação de cultura com cana-de-açúcar, antecipando-se à colheita das lavouras para antes da maturação, com fim de obtê-lo como feijão de vagem verde, não mais atendendo o padrão de produção e comercialização como grão propriamente dito.

Atualmente, as lavouras estão entre as fases de enchimento de grãos, maturação e principalmente colheita. Houve encurtamento do ciclo em virtude da falta de água para as plantas durante o seu desenvolvimento fenológico.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	3,92	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	2,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	15,66			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica					
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
GO**	Noroeste Goiano	4,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,55	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Goiano	1,60	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,87	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	9,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	3,84	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	18,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte de Minas	1,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,15	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
SP**	Ribeirão Preto	1,37			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Bauru	5,73			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	7,43			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção de feijão, da safra 2025/26, em 2,9 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 3,6% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição tanto da área plantada (-5,7%), apesar da expectativa de elevação na produtividade (+2,2%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para

ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma tendência de redução da área cultivada com feijão no país.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 342,5 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25, dezembro de 2025, os estoques são estimados em 235,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26, dezembro de 2026, são projetados em 176 mil toneladas.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21		268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22		121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23		202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24		318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.800,0	343,6	396,0
2024/25		396,0	3.059,9	13,2	3.469,1	2.700,0	533,2	235,9
2025/26	ago/26	235,9	2.961,2	32,6	3.229,7	2.700,0	342,5	187,2
	set/26	235,9	2.950,0	52,6	3.238,5	2.680,0	460,4	98,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.600,5 mil ha

+ 3,5%

PRODUTIVIDADE

6.372 kg/ha

- 1,4%

PRODUÇÃO

144.009,6 mil t

+ 2,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Ago./26	4.100,4	7.191	29.486,1
	Set./26	4.100,7	7.191	29.487,8

Fonte: Conab.

A colheita já foi finalizada, com os últimos talhões sendo trilhados no Maranhão e Piauí. As ótimas condições climáticas ocorridas, aliadas aos investimentos realizados pelos produtores, resultaram em estimativa de produtividade de 7.191 kg/ha, 8,8% superior ao obtido na última safra e a maior produtividade média já alcançada no primeiro ciclo do milho.

Devido às dimensões continentais, no Brasil, o encerramento da colheita da safra 2025/26 coincide com o início da safra 2026/27. O plantio já avança no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e apesar das baixas temperaturas e do excesso de umidade no solo, retardando o crescimento inicial e os dias para emergência das plantas, a maioria das lavouras apresentam bom desenvolvimento.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura do milho teve início em agosto e já ultrapassa um terço da área prevista para cultivo. O avanço poderia ter sido maior caso não houvesse a elevada umidade do solo, que tem limitado o andamento dos trabalhos de campo. Apesar da ocorrência de temperaturas baixas, granizo e geadas localizadas, não há, até o momento, registro de perdas significativas de potencial produtivo nas áreas em desenvolvimento. As baixas temperaturas têm provocado um estabelecimento inicial mais lento das plantas, mas, até o momento, sem impactos sobre o potencial produtivo. Com a próxima janela de tempo seco, espera-se uma evolução significativa da semeadura. Em relação ao manejo, já foram iniciadas aplicações de inseticidas para o controle de cigarrinha e percevejos.

Paraná: já foram semeados 18% da área total prevista para ser cultivada no ciclo 2026/27 no estado, com a maioria delas nos estádios de emergência e desenvolvimento vegetativo. As recentes precipitações melhoraram as condições de água no solo, o que têm contribuído para um bom estabelecimento dos talhões já implantados.

Santa Catarina: Santa Catarina: no Extremo Oeste, o plantio do milho da nova safra já foi iniciado em praticamente todos os municípios acompanhados. Os produtores vêm aproveitando as janelas de tempo firme entre os

episódios de chuva para realizar a semeadura. No Meio-Oeste, a implantação encontra-se em estágio mais inicial, alcançando aproximadamente 10% da área prevista, com continuidade das operações conforme as condições de solo permitem, mesmo diante da previsão de queda das temperaturas e possibilidade de geadas localizadas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica														
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
TO	Ocidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica				
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Ago./26	17.819,7	6.231	111.030,9
	Set./26	17.824,9	6.291	112.130,8

Fonte: Conab.

No início de setembro, 96,6% da área estimada de cultivo já havia sido colhida, ficando dentro da média colhida das últimas safras. Em Tocantins, Mato Grosso, Piauí e Maranhão, as operações de trilha já foram concluídas. Já em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná, as precipitações acima da média para o período retardaram a perda natural de umidade dos grãos, provocando atrasos nos trabalhos de colheita.

Com o decorrer das operações e colheita de talhões semeados tardiamente, houve aumento das estimativas de produtividade em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Já em Tocantins e Piauí, devido à redução das chuvas a partir de meados de abril, que impactaram as lavouras tardias, tiveram suas produtividades reduzidas.

A estimativa de produção foi elevada para 112,1 milhões de toneladas, apenas 1% inferior ao recorde obtido na última safra, cultivada em 17,8 milhões de hectares, 2,3% superior ao plantado no último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o predomínio de um clima mais seco no último mês foi amplamente favorável, garantindo as condições ideais para o avanço final e a conclusão dos trabalhos operacionais de colheita. Apesar das incertezas climáticas enfrentadas ao longo do ciclo, especialmente os veranicos que atingiram a região sudeste do estado e os desafios observados em solos mais arenosos, o balanço agrônômico estadual final superou as expectativas iniciais em várias outras regiões. O desempenho das lavouras foi excelente, consolidando uma produtividade média recorde para a série histórica da região.

Paraná: com menos de 10% das áreas ainda a serem colhidas no início de setembro, as condições climáticas no Paraná possibilitaram o avanço das operações nas últimas duas semanas. As áreas classificadas em condição de bom desenvolvimento aumentaram para 92%. A elevada umidade dos grãos no momento da colheita ocasionou perdas de produtividade e qualidade, com ocorrência de grãos ardidos e avariados, principalmente nas regiões norte, noroeste e centro-sul.

Mato Grosso do Sul: as chuvas ocorridas dentro da primeira quinzena de agosto provocaram atrasos pontuais na colheita, principalmente nos municípios próximos à fronteira com o Paraguai, e a umidade relativa se manteve acima do normal para a época, retardando o secamento dos grãos. Após esse período, houve predominância de tempo firme e de baixos volumes precipitados, favorecendo a perda de umidade nos grãos e permitiu a evolução da colheita, superando os 90% nos principais municípios produtores.

Com exceção da porção oeste do estado, onde a operação agrícola segue atrasada por deficit de armazenagem, as demais regiões apresentam avanço significativo na colheita do milho, com aproximadamente 96% de área concluída no início de setembro. A expectativa é que a colheita seja finalizada antes da liberação do vazio sanitário da soja, porém, em alguns municípios, a conclusão das operações poderá se estender acima do período previsto. De uma forma geral, os resultados produtivos se mantiveram excelentes, com produtividade próxima às obtidas na safra anterior. Entretanto, observa-se elevada variabilidade entre as regiões, com registros de produtividade de 3.000 kg/ha em alguns talhões, enquanto outros alcançaram até 10.000 kg/ha.

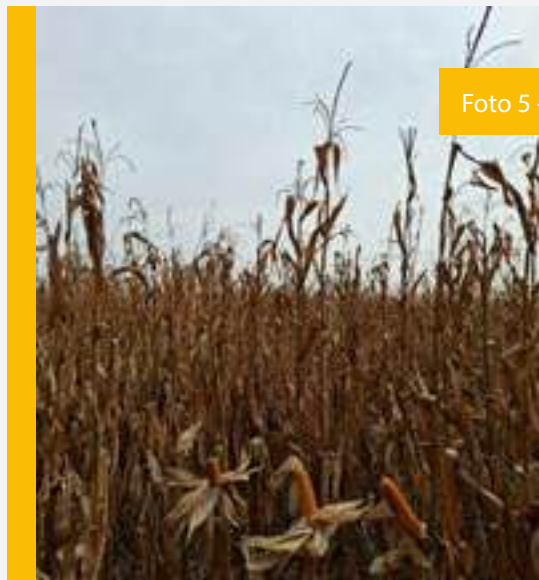


Foto 5 - Milho - 2ª Safra - Maturação - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

Goiás: a área cultivada com milho segunda safra em Goiás manteve-se estável em 1,75 milhão de hectares. A produtividade média do estado foi levemente ajustada em razão da revisão de estimativas em municípios que haviam previsto uma quebra mais acentuada, estimada agora em 5.027 kg/ha.

A segunda safra de milho revela contrastes significativos de rendimento, fortemente balizados pela época de semeadura. Na região leste, a cultura ocupa 267.965 hectares e apresenta 86% da área já colhida. As produtividades variam entre 4.800 kg/ha e 6.600 kg/ha nas melhores áreas, e próximas a 4.200 kg/ha nas áreas afetadas pelo atraso, consolidando uma média leste de 4.980 kg/ha. No centro-sul, o cenário é de encerramento iminente (95% das áreas colhidas), e a produtividade média sofreu redução acentuada para 3.635 kg/ha. Nas regiões oeste e sudoeste, consolidou-se um cenário de quebra de safra ocasionado pelo corte precoce das chuvas e pelo plantio fora da janela ideal. Embora alguns municípios do sudoeste que receberam

melhores volumes de chuva tenham reportado excelentes resultados em variedades de ciclo médio a longo, de forma generalizada, as lavouras sentiram a seca.

O milho recém-colhido no estado tem apresentado características variáveis: no centro-sul há lotes desuniformes e com umidade atípica, enquanto no sudoeste a qualidade é considerada boa, sem avarias, porém com grãos visivelmente mais leves e miúdos em comparação à safra passada.



Foto 6 - Milho - 2ª Safra - maturação - Piracanjuba-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: a colheita do milho safrinha já alcança 89% da área total cultivada, contudo neste mesmo período do ano passado a colheita já atingia 97% da área. Os altos volumes de chuva durante fevereiro e março atrasaram o ciclo e colheita da soja, de forma que postergou também o plantio do milho para além da janela ideal. Isso, além de justificar o menor percentual colhido, reforça também o menor potencial produtivo expressado pelas lavouras. Além disso, ao perceberem o menor potencial produtivo, devido à restrição hídrica, os produtores reduziram os investimentos e houve uma maior incidência de doenças de final de ciclo, pressionando ainda mais a produtividade da cultura.

O clima mais seco, principalmente para o Triângulo e Noroeste, tem favorecido a aceleração da colheita, o que é totalmente desejável, uma vez que os grãos são colhidos com umidade já reduzida, além de afastar dos riscos de incêndio no campo. Assim, a expectativa é que a produção do estado alcance 2.485,2 mil toneladas nesta safra, o que é 9,4% menor que o produzido na safra passada.

São Paulo: chuvas acima da média para a estação, evento climático atípico em relação aos anos anteriores, ajudaram no desenvolvimento do milho plantado tardiamente e colaboraram para a melhor safra dos últimos anos na região do Paranapanema, no Centro-Sul do estado. Se, por um lado, as chuvas favoreceram o desenvolvimento fisiológico da planta, por outro, retardou a perda de umidade dos grãos atrasando a colheita, que, no início de setembro, atingiu 82% no estado.

Distrito Federal: as lavouras estão com cerca de 90% colhidas, com produtividades variadas, reflexo das precipitações localizadas e datas da realização da semeadura. A falta de chuvas em parte das lavouras na fase crítica de enchimento de grãos afetou levemente a produtividade, estimada em 6.250 kg/ha, visto que a produção fica semelhante à safra passada, ocasionado pelo aumento da área.

Maranhão: as lavouras foram implantadas em municípios do sul do estado, em fevereiro e março de 2026, após a colheita da soja. A semeadura foi finalizada com atraso, e parte da área foi plantada fora da janela ideal em razão do atraso no plantio e da colheita da soja. A colheita do milho safrinha foi iniciada em junho e finalizada no início de agosto. A área estimada de plantio foi de 223,7 mil hectares. Houve redução relevante de 25,2% em relação ao ano anterior, devido à perda da janela ideal de plantio da segunda safra de milho em razão do atraso no plantio.

As lavouras semeadas na janela ideal, até o início de março de 2026, estavam em boas condições e apresentaram bons rendimentos. Entretanto, as áreas semeadas após a primeira quinzena de março, fora da janela ideal de plantio, sofreram com a falta de chuvas entre o final de abril e maio e apresentaram quebra de produtividade. Portanto, a produtividade estimada é de 5.082 kg/ha, com queda de 19,3% em relação ao ano anterior.

Piauí: nesta safra, embora tenha ocorrido chuvas no terceiro decêndio de outubro, com início consequentemente da semeadura da soja, havia perspectiva de aumento significativo de área, porém houve irregularidades das chuvas em novembro e dezembro, situação que prolongou a semeadura da soja, impactando a janela ideal de plantio do milho da segunda safra. Parte das lavouras se estabeleceram em boas condições, porém grande parte sofreu com deficit hídrico, impactando a produtividade final. A colheita já foi finalizada, confirmando uma produtividade de 19,7% inferior à da safra anterior.

Pernambuco: apesar de um início de safra promissor, onde a regularidade das chuvas favoreceu as fases fenológicas iniciais, a redução das precipitações em estádios de alta demanda hídrica interferiu na produtividade do cereal. A colheita foi finalizada, e as produtividades e qualidade dos grãos variaram nas regiões, sendo o clima o fator mais impactante na redução da produtividade do estado.

Ceará: com a boa distribuição de chuvas e os bons níveis pluviométricos em fevereiro, março e abril, esperava-se uma boa safra. Entretanto, a redução e a irregularidade das precipitações, a partir de maio, afetaram o potencial produtivo de algumas lavouras. Mesmo assim, é esperada uma produtividade média de 1.254 kg/ha, 169,1% superior à obtida na última safra. A colheita já alcança 85% da área estimada de cultivo, e as lavouras em campo se encontram em maturação.

Paraíba: o outono paraibano foi marcado por temperaturas elevadas e chuvas entre normal e acima da média histórica, sobretudo nas regiões da Mata e Agreste do estado, até o final de abril. A partir de meados de maio, as chuvas foram mal distribuídas, comprometendo o desenvolvimento do cereal em diversos estádios. As lavouras apresentam elevada proporção de áreas em condições regulares e ruins, reflexo das condições de plantio, manejo e clima. A colheita se aproxima da finalização.

Bahia: a colheita já foi finalizada no estado, com produtividades de 38,5% abaixo das estimadas inicialmente, refletindo o plantio fora da janela ideal de cultivo e o corte das chuvas a partir de abril.

Tocantins: a colheita foi finalizada em meados de agosto, com produtividades inferiores às obtidas no último ciclo. As condições climáticas permitiram que boa parte das lavouras fossem semeadas na janela ideal, entretanto mais de 20% delas foram plantadas fora do período ideal de cultivo.

As condições climáticas foram favoráveis a todas as lavouras até meados de abril, quando uma redução/corte das precipitações, em grande parte do estado, afetaram o potencial produtivo do cereal em lavouras em estádios críticos de demanda hídrica. Devido, principalmente a isso, a produtividade estimada foi reduzida neste levantamento para 5.114 kg/ha, 6,1% inferior à última safra.

Rondônia: as lavouras do estado encontram-se praticamente todas colhidas, e as boas condições climáticas ocorridas durante o ciclo do cereal propiciaram boas produtividades e qualidade de grãos.

Pará: a colheita se encaminha para a finalização no estado, com as áreas remanescentes localizadas nos polos de Santarém e Paragominas. A redução das precipitações em agosto favoreceu o andamento da colheita. Na maior

parte das regiões do estado, as condições climáticas foram melhores que as registradas na safra passada e proporcionaram boas condições para o desenvolvimento das lavouras, resultando numa produtividade média de 5.086 kg/ha, 9% superior à obtida no último ciclo.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		595,6	2.734	1.628,5
2021/22		662,1	3.341	2.211,9
2022/23		637,1	3.664	2.334,6
2023/24		650,1	3.868	2.514,9
2024/25		635,1	4.714	2.993,6
2025/26	Ago./26	677,9	3.596	2.438,0
	Set./26	674,9	3.543	2.390,9

Fonte: Conab.

A redução das chuvas no período acelerou a maturação do cereal. A colheita já foi iniciada em todos os estados produtores, e as produtividades refletem as condições adversas enfrentadas pela cultura do milho na maioria deles. Em Sergipe é esperada uma redução de 35% na produtividade, devido à irregularidade das chuvas ocorrida em junho e julho. Alagoas e Bahia, no nordeste, também sofreram o mesmo impacto.

A produção estimada da terceira safra foi reduzida novamente para 2,39 milhões de toneladas, 20,1% inferior ao obtido na última safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: os acumulados de chuva ficaram abaixo da média histórica em praticamente todas as regiões de Alagoas, exceto na região da Zona da Mata, que ficou dentro da média climatológica de precipitação. Essa irregularidade das chuvas afetou o desenvolvimento do cereal, e muitas áreas foram direcionadas para produção de silagem, enquanto outras foram direcionadas para o pastejo. A colheita já foi iniciada e deverá se prolongar até outubro.

Sergipe: as poucas chuvas ocorridas em agosto encurtaram ainda mais o ciclo do milho na maioria do estado. A colheita foi iniciada, e as baixas produtividades obtidas confirmam o cenário de restrição hídrica ocorrido nesta safra em grande parte de Sergipe.

Pernambuco: a colheita foi iniciada no estado, e as lavouras em campo se encontram em maturação. Apesar da irregularidade nas precipitações durante o desenvolvimento do cereal, as produtividades das lavouras de milho no Agreste Pernambucano são consideradas satisfatórias.



Foto 7 - Milho - 3ª safra - Maturação - Cachoeirinha-PE

Fonte: Conab.

Bahia: a colheita foi iniciada, e as lavouras em campo se encontram nos estádios de maturação, com boa qualidade nas áreas irrigadas do centro-norte e oeste. Entretanto, na região nordeste, houve déficit hídrico durante a floração e formação das espigas, o que reduziu bastante o potencial produtivo nessa região, com grande impacto na produção do estado.

Roraima: a colheita foi iniciada no estado, e as estimativas de produtividades indicam redução em relação à última safra. A irregularidade das chuvas em junho e julho, quando o cereal se encontrava nos estádios reprodutivos, afetou drasticamente o potencial produtivo da cultura.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte de Roraima	4,29	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Alagoano	1,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Alagoano	0,47	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sertão Sergipano	24,16	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
SE	Agreste Sergipano	17,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Leste Sergipano	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Baiano	41,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano**	0,37		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

Nota: **Total ou parcialmente irrigado

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2025/26 de milho, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 8,7% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado pelas perspectivas observadas no momento de definição de área, no segundo semestre de 2025, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,3% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 3,2% na produtividade deverá provocar uma redução de 1% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 144 milhões de toneladas, representando um aumento de 2% em comparação com o ciclo anterior.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 7,8% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem encerrar o ciclo com um volume de 15,7 milhões de toneladas.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20		13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21		15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22		13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23		8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24		7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5
2024/25		1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	91.081,8	41.631,5	12.063,6
2025/26	ago/26	12.063,6	142.955,0	1.700,0	156.718,6	95.041,4	46.500,0	15.177,2
	set/26	12.063,6	144.009,6	1.700,0	157.773,2	98.203,0	43.916,2	15.654,0

Fonte: Conab.

Nota: *estimativa em setembro/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.608,6 mil ha

+2,7%

PRODUTIVIDADE

3.711 kg/ha

+2,5%

PRODUÇÃO

180.406,6 mil t

+5,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Ago./26	48.610,3	3.712	180.463,5
	Set./26	48.608,6	3.711	180.406,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26 de soja aproxima-se do encerramento, com as últimas áreas da oleaginosa sendo colhidas em Tocantins, Roraima e Alagoas. Devido ao fim do Vazio Sanitário da soja e das precipitações ocorridas, o plantio da safra 2026/27 já foi iniciado no Paraná e em Mato Grosso.

Encerrando a safra 2025/26, a produção de soja foi estimada em 180,4 milhões de toneladas, a maior produção já alcançada na série histórica da Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: a colheita da soja foi iniciada na última semana de julho, e durante o período do levantamento, cerca de 60% da área cultivada no estado já foi colhida. A expectativa é que a colheita avance até o início de setembro, devido a ocorrência de chuvas em agosto e encerramento do ciclo das últimas áreas já plantadas em junho. A irregularidade das chuvas durante o desenvolvimento da cultura provocou queda do potencial produtivo da oleaginosa, que está sendo confirmada com o andamento da colheita.

Tocantins: agosto foi de clima firme e seco, com temperaturas elevadas, condições que permitiram o avanço operacional da colheita da safra de soja para produção de sementes nas regiões de várzea do estado. As lavouras em campo estão em fase de maturação/dessecação. Por envolverem variedades e cultivares de várias regiões do país e com ciclos distintos, as produtividades variam a cada talhão.

Roraima: a redução das precipitações, a partir de julho, afetaram o potencial produtivo da soja em grande parte do estado. A colheita avança, e as produtividades variam em virtude do manejo adotado e da ocorrência de chuvas, com rendimentos inferiores aos estimados inicialmente.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
										</			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2025/26

Não há alterações significativas no quadro de oferta e procura de soja. Para a safra 2025/26, a produção brasileira está estimada em 180,41 milhões de toneladas, após um pequeno ajuste negativo de 57 mil toneladas, sem impacto relevante sobre a disponibilidade do produto. Considerando um estoque inicial de 9,97 milhões de toneladas e importações de 900 mil toneladas, a oferta permanece confortável.

As exportações brasileiras seguem em patamares elevados e devem atingir o recorde de 116,2 milhões de toneladas em 2025/26. O processamento também deverá alcançar um novo patamar, estimado em 62,13 milhões de toneladas, sustentado pela elevada procura por derivados de soja, tanto no mercado interno como no externo. Com isso, o estoque final está projetado em 9,17 milhões de toneladas, equivalente a uma relação estoque/uso de 5,14%, abaixo dos 6,01% observados em 2024/25.

ÓLEO DE SOJA

Apesar de ainda não ter sido aprovado o percentual de B16, o consumo doméstico de óleo de soja permanece em volume recorde. Para 2025/26, a produção está estimada em 12,56 milhões de toneladas, enquanto as vendas no mercado interno devem alcançar 10,69 milhões de toneladas, superando as 10,31 milhões de toneladas de 2024/25. Parte do óleo que inicialmente poderia ser direcionado ao biodiesel deverá ser destinada ao mercado externo, com as exportações projetadas em 1,8 milhão de toneladas, frente a 1,36 milhão na safra anterior. O estoque final é estimado em 837 mil toneladas.

FARELO DE SOJA

No farelo, o Brasil também deverá registrar recorde de exportações. A produção em 2025/26 está projetada em 47,81 milhões de toneladas, ante 44,23 milhões em 2024/25. As exportações devem atingir 26,13 milhões de toneladas, crescimento em relação às 23,27 milhões da safra anterior. Ao mesmo tempo, o consumo doméstico permanece elevado e deverá alcançar o recorde de 21,4 milhões de toneladas, comparativamente a 19,75 milhões em 2024/25. O estoque final está estimado em 4,08 milhões de toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,2	171.480,5	969,0	179.680,65	61.525,0	108.181,1	9.974,6
	2025/26	9.974,6	180.406,6	900,0	191.281,23	65.903,9	116.203,8	9.173,5
FARELO	2024/25	2.589,02	44.233,72	1,0	46.823,73	23.269,25	19.751,19	3.803,3
	2025/26	3.803,30	47.805,81	1,0	51.610,11	26.132,53	21.400,00	4.077,6
ÓLEO	2024/25	466,1	11765,0	105,2	12.336,32	10.312,00	1.362,94	661,4
	2025/26	661,4	12564,4	100,0	13.325,74	10.689,00	1.800,00	836,7

Fonte: Conab e Secex.

Nota: estimativa em setembro/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

1.927,1 mil ha

- 21,2%

PRODUTIVIDADE

2.978 kg/ha

- 7,5%

PRODUÇÃO

5.739,7 mil t

- 27,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025		2.445,9	3.219	7.873,4
2026	Ago./26	1.946,8	2.986	5.813,1
	Set./26	1.927,1	2.978	5.739,7

Fonte: Conab.

Em relação à safra 2025, verifica-se nova redução da área cultivada, agora estimada em 1.927,1 mil hectares, com destaque para o Rio Grande do Sul, além de ajustes em Santa Catarina. A retração permanece associada às condições de mercado da cultura e à cautela dos produtores diante do risco climático.

Com isso, a produção de trigo está estimada em 5,7 milhões de toneladas, volume 1,3% inferior ao previsto no levantamento anterior e 27,1% abaixo

do obtido na safra passada. Em relação ao ciclo anterior, a área cultivada apresenta estimativa de retração de 21,2% e a produtividade redução de 7,5%.

A semeadura encontra-se concluída em todas as regiões produtoras. As lavouras do Cerrado avançam na colheita, com o Distrito Federal já tendo encerrado as operações nas áreas de sequeiro, Minas Gerais alcançando 53% da área colhida e Goiás iniciando a colheita no sul do estado. Na Região Sul, o Paraná registra 3% da área colhida, enquanto Rio Grande do Sul e Santa Catarina permanecem concentrados em desenvolvimento vegetativo.

A ocorrência de brusone constitui o principal fato fitossanitário deste levantamento, com registros em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo, além de preocupação crescente no Rio Grande do Sul conforme o avanço das lavouras para o florescimento.

Em Mato Grosso do Sul, a doença ocasionou redução significativa do peso hectolitro, com parte da colheita classificada como triguilho, resultando na maior redução de produtividade do levantamento. Em Goiás, a ocorrência concentrou-se em cultivares semeadas antes de maio na região leste, e em Minas Gerais, as perdas atingiram tanto as áreas de sequeiro quanto as irrigadas.

As geadas registradas em agosto no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina constituem fator de atenção com efeitos ainda não dimensionados, atingindo potencialmente as lavouras em florescimento e em enchimento de grãos.

ANÁLISE DA CULTURA

Rio Grande do Sul: a cultura apresenta desenvolvimento satisfatório, embora a safra seja marcada por expressiva redução da área cultivada, novamente ajustada neste levantamento. A retração está associada às condições de mercado e às incertezas climáticas, com parte das áreas tradicionalmente destinadas ao trigo sendo direcionada para canola, aveia e plantas de cobertura.

A maior parte das lavouras encontra-se em desenvolvimento vegetativo e início de enchimento de grãos. O excesso de umidade constitui o principal fator de preocupação, dificultando o trânsito de máquinas, a aplicação de nitrogênio em cobertura e o manejo fitossanitário, além de favorecer processos de lixiviação de nutrientes, erosão e encharcamento. A baixa luminosidade também tem limitado o crescimento e o acúmulo de biomassa em algumas regiões.

Do ponto de vista fitossanitário, a pressão de insetos permanece baixa, mas as condições ambientais são favoráveis ao desenvolvimento de doenças fúngicas, especialmente manchas foliares. Com o avanço das lavouras para o florescimento, aumenta a preocupação com a giberela.

As geadas registradas no final de agosto constituem novo fator de atenção. Como as lavouras apresentam grande heterogeneidade fenológica entre as regiões, os impactos deverão ser variáveis, sendo as áreas em florescimento e em enchimento de grãos as mais suscetíveis aos danos.



Foto 8 - Trigo - Desenvolvimento Vegetativo - Campestre da Serra-RS

Fonte: Conab.

Paraná: a cultura encontra-se totalmente semeada, com lavouras no final do desenvolvimento vegetativo e já iniciada a colheita. As lavouras apresentam boas condições, beneficiadas pelo bom estabelecimento inicial e pelo clima mais frio, que favoreceu o perfilhamento.

Nas regiões oeste e sudoeste, observou-se boa emergência e vigor inicial, com parte dos produtores direcionando áreas para outras culturas de inverno. No norte e noroeste, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, permanecendo a preocupação com chuvas excessivas durante as fases de maturação e colheita. No centro-sul, Campos Gerais e Leste Paranaense a redução de área foi mais expressiva, com o excesso de chuvas e os períodos de menor luminosidade ocasionando desenvolvimento regular em parcela das áreas.

São Paulo: alguns produtores optaram pela implantação de culturas como sorgo, triticale e cevada, com redução de área. Entre os motivos apontados está o atraso na colheita da soja, que retardou a semeadura das culturas de inverno.

Há relatos de brusone nas lavouras. A colheita terá início a partir de setembro.

Santa Catarina: as lavouras aproximam-se do máximo desenvolvimento vegetativo, com avanço do perfilhamento para o alongamento e, nas áreas mais precoces, para o emborrachamento e a aproximação das fases reprodutivas. A área cultivada foi ajustada para baixo neste levantamento.

O comportamento espectral mantém-se favorável, com a desaceleração do incremento do índice de vegetação compatível com o fechamento do dossel e com a evolução fenológica, não configurando redução de vigor das lavouras.

A elevada frequência de chuvas e o prolongamento do molhamento foliar aumentaram a pressão fitossanitária no período, enquanto as geadas registradas na última semana de agosto introduziram fator adicional de atenção às lavouras mais adiantadas.

Minas Gerais: as temperaturas mais elevadas do período aceleraram as operações de colheita.

Além do atraso na semeadura, as temperaturas elevadas prejudicaram o perfilhamento das lavouras de sequeiro. O clima mais quente também afetou a qualidade.

Mesmo durante o período mais seco houve ocorrência de chuvas que, principalmente na região noroeste, favoreceram o aumento da incidência de brusone, tanto nas áreas de sequeiro quanto nas irrigadas, culminando em perdas para a cultura.

Distrito Federal: as lavouras de sequeiro foram colhidas e as irrigadas encontram-se em estádios de maturação e colheita.

Na modalidade sequeiro foram cultivados uma área superior à da safra passada. O crescimento da área total, contudo, ocorre sobretudo na modalidade irrigada, que se amplia em relação ao ciclo anterior.

Ponderando as duas modalidades de cultivo, a produtividade média foi ajustada para baixo em relação ao levantamento anterior, ainda que a produção permaneça superior à obtida na safra passada.

Goiás: as lavouras encontram-se sob sistema de pivô central, com fornecimento de água satisfatório, tendo muitas já interrompido a irrigação e algumas alcançado a fase de pré-colheita.

Há registros de incidência de brusone na região leste e em cultivares semeadas antes de maio, que receberam chuvas fora de época em junho, com rendimentos significativamente inferiores nas áreas atingidas, quando comparados aos das lavouras sadias. Em razão da doença, a produtividade média estadual foi novamente reduzida.

Já existem áreas sendo colhidas no sul do estado, porém na região leste, onde se concentra a maior parte da área semeada, a colheita ainda não ganhou ritmo, com avanço previsto para os primeiros dias de setembro.

Mato Grosso do Sul: a cultura manteve boa disponibilidade de água no solo, porém a associação dessa umidade com temperaturas permanecendo acima de 24 °C por mais de 12 horas mostrou-se favorável ao acometimento das plantas por brusone, principalmente nos talhões que iniciam as fases reprodutivas, mesmo com a realização de tratamento fitossanitário preventivo.

A colheita segue em ritmo acelerado, constatando-se perda considerável na produção em decorrência da alta incidência da doença, principalmente na região sul e na fronteira. O impacto ocasionou redução significativa no peso hectolitro, resultando em perda qualitativa dos grãos, com parte da colheita classificada como triguilho. Diante do quadro verificado, a produtividade foi reduzida em relação ao levantamento anterior.



Foto 9 - Trigo - Maturação - Antônio João-MS

Fonte: Conab.

Bahia: mantém-se a estimativa de redução da área cultivada, influenciada pela menor rentabilidade verificada nas últimas safras e pela maior demanda por sorgo e milho.

As condições climáticas registraram redução significativa dos volumes pluviométricos, com predomínio de tempo firme ao longo do período, sem impactos sobre as áreas irrigadas.

As lavouras apresentam desenvolvimento regular, com bom estabelecimento inicial e estande adequado, encontrando-se em desenvolvimento vegetativo, floração e formação de grãos. Área e produtividade foram mantidas em relação ao levantamento anterior.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano** (tirar os asteriscos)	0,86	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	0,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	1,24	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,86	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,96	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	1,15	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,73	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga	4,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,09	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
	Centro Oriental Paranaense	4,05		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	3,99	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	6,62	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,14		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,56		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Catarinense	0,81		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	1,15		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	36,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,69			S	S/E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,18		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,77		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,49		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,66		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O preço do trigo em grãos apresentou alta no último mês nas principais praças produtoras do Brasil, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, as cotações passaram de R\$ 71,69 em julho para R\$ 75,56 em agosto, aumento

de 5,39%. No Rio Grande do Sul, o preço médio subiu de R\$ 69,55 para R\$ 69,87 no mesmo período, variação positiva de 0,45%. O movimento de alta foi acompanhado pela valorização dos preços internacionais e pela proximidade do período de colheita no mercado brasileiro.

No mercado internacional, os preços apresentaram valorização em agosto, com destaque para os Estados Unidos e a Argentina. O trigo Hard dos Estados Unidos passou de US\$ 304,42 para US\$ 323,99 por tonelada, alta de 6,43%, enquanto o trigo Soft avançou 5,64%, para US\$ 278,26 por tonelada. O preço do trigo futuro, em Kansas, apresentou a maior valorização entre os principais mercados analisados, passando de US\$ 256,16 para US\$ 279,15 por tonelada, aumento de 8,98%. Na Argentina, o preço médio subiu de US\$ 233,04 para US\$ 240,85 por tonelada, alta de 3,35%. O dólar apresentou pequena valorização no período, passando de R\$ 5,11 para R\$ 5,15, enquanto o petróleo subiu 9,12%, para US\$ 91,40 por barril.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade do trigo. A estimativa é que sejam plantados 1.927,1 mil hectares, redução de 21,2% em relação à safra anterior, e colhidas 5.739,7 mil toneladas, volume 27,1% inferior ao registrado na última safra. A produtividade média está estimada em 2.978 kg/ha, queda de 7,5% em relação ao ano anterior. A redução da área e da produtividade contribui para a diminuição expressiva da produção nacional.

Para a safra 2026, o volume estimado de importação é de 7.056,6 mil toneladas, devido à menor produção interna. A previsão de consumo é de 12.000 mil toneladas, enquanto as exportações devem atingir 1.494,1 mil toneladas, resultando em uma demanda total de 13.494,1 mil toneladas.

Diante desse cenário, a previsão é encerrar a safra 2026 com estoques finais de 1.067,3 mil toneladas. Embora o volume seja superior ao inicialmente

estimado no levantamento anterior, a produção nacional significativamente menor mantém elevada a dependência das importações para o abastecimento interno. Assim, o comportamento dos preços internacionais, especialmente nos principais fornecedores do Brasil, e a evolução da produção nacional serão fatores determinantes para a formação dos preços do trigo no mercado brasileiro nos próximos meses.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2022	939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2023	1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2024	521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2025*	1.470,0	7.873,4	6.129,4	15.472,8	11.890,4	1.817,3	1.765,1
2026**	Ago/26	1.481,1	5.813,1	7.103,4	14.397,6	12.000,0	900,3
	Set/26	1.765,1	5.739,7	7.056,6	14.561,4	12.000,0	1.067,3

Fonte: Conab.

Nota: *estimativa em setembro/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Paraíba: as chuvas foram mal distribuídas ao longo da safra. Após intensas chuvas, entre abril e maio, houve uma redução nos índices. O inverno paraibano está sendo marcado por chuvas entre normal e abaixo da média histórica, sobretudo nas regiões da mata e agreste do estado.

Os cultivos no estado apresentaram parte das áreas em condições regulares ou ruins, o que refletiu nas perdas observadas. A redução se deve principalmente às condições de plantio, manejo e clima, pois não foram constatadas pragas significativas.

A produção de amendoim no estado abastece o mercado consumidor estadual e parte é vendida in natura na Ceasa de Pernambuco. Atualmente, uma das dificuldades para ampliação da cultura do amendoim está na baixa produtividade e arranjo produtivo com baixo investimento.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: com o encerramento da colheita, a produtividade média ficou 12,4% abaixo da obtida na safra anterior. Ao longo do ciclo, as lavouras apresentaram desenvolvimento satisfatório na maior parte das áreas, embora tenham sido registrados impactos pontuais decorrentes tanto de deficit hídrico quanto do excesso e prolongamento das precipitações em algumas regiões.

Com a incorporação de novas informações de campo, também foi revisada a área cultivada na temporada anterior, confirmando-se, na comparação entre as safras, redução da área destinada ao gergelim em 2025/26.

Pará: algumas instabilidades no início dos plantios de primeira safra encurtaram a janela do gergelim em muitas regiões e desestimularam seu

plantio em algumas microrregiões. Isso ocorreu no polo Paragominas, que não teve um crescimento de área como vinha sendo esperado.

Lavouras em condições moderadas em razão da redução de investimentos na cultura. Além disso, parte dos produtores optou por fazer rotação de cultura, pois muitos ciclos repetitivos de soja e gergelim poderiam ocasionar surgimento de doenças.

Tocantins: o rendimento médio da cultura reduziu em relação à safra passada.

Além disso, a cultura teve a área de plantio reduzida, motivada pelo mercado menos atrativo.

GIRASSOL

Distrito Federal: a cultura encontra-se em estágio final de maturação e colheita, com área plantada de 0,5 mil hectares. A produtividade média estimada até o momento é de 2.050 kg/ha.

A produção é voltada para o mercado local, especialmente para alimentação de aves ornamentais e o restante é enviado a outros estados, principalmente para Minas Gerais e São Paulo.

Goiás: a colheita do girassol está quase finalizada, com 98% das áreas colhidas até o fechamento deste relatório. A área cultivada teve um incremento de 16 mil hectares nesta safra, passando para 63 mil hectares, com a produtividade média do estado inferior em quase 30% em relação à safra anterior.

O desempenho geral da cultura foi penalizado pelas condições climáticas ao longo do ciclo. O principal agravante foi o plantio tardio e fora da janela ideal em muitos municípios do estado, o que expôs as lavouras a uma severa restrição hídrica durante o seu desenvolvimento. A falta de chuvas limitou o potencial de enchimento dos grãos e causou problemas de qualidade.

Na região leste do estado, a colheita já foi concluída e registrou um rendimento médio de 1.200 kg/ha, com grande variabilidade entre os municípios. No centro-sul e sul goiano, a colheita já alcançou 97% de avanço, com média produtiva de 1.028 kg/ha. No sudoeste do estado, a cultura sofreu com perdas produtivas significativas, resultando em uma produtividade média de 728 kg/ha. Como resultado, a qualidade dos grãos de girassol nesta localidade foi prejudicada, o que dificulta o processamento industrial.

O mercado do girassol nesta safra apresenta particularidades devido à forte quebra produtiva observada em partes do estado. A produção regional encontra-se comercializada, em grande parte atrelada a contratos de fornecimento com a indústria.

Mato Grosso do Sul: na região norte do estado, a ocorrência de dias quentes e baixa umidade relativa proporcionou a perda de umidade nos aquênios e, consequentemente, a evolução da colheita. Na região sudeste, ocorreram chuvas pontuais, o que favoreceu principalmente àquelas lavouras que se encontravam em fase de enchimento de grãos.

A colheita seguia em ritmo acelerado no momento do levantamento, onde a produtividade média apresentou elevada variabilidade entre as diferentes regiões produtoras. Na região norte, o menor investimento e a irregularidade das chuvas comprometeram parte dos cultivos no município de Paraíso das Águas. Por outro lado, a região sudeste tem mantido os bons índices produtivos, com menor pressão de pragas e ocorrência de chuvas regulares.

No entanto, foi constatado doenças fúngicas em algumas cultivares no município de Naviraí e, conseqüentemente, ajustes pontuais no potencial produtivo.

A comercialização opera de forma favorável e gradual. Mesmo com as cotações apresentando desvalorização pontual em decorrência da colheita, o produto segue transportado para São Paulo, onde a principal finalidade dos aquênios é destinada para alimentação de pássaros e produção de óleo.

MAMONA

Bahia: a área cultivada apresentou incremento em relação à safra anterior, devido, principalmente, à melhoria das condições de mercado, redução dos estoques disponíveis e maior atratividade econômica da cultura frente a outras alternativas agrícolas de sequeiro.

Em algumas regiões, as perdas registradas em outras culturas na temporada anterior também contribuíram para a destinação de áreas à mamona, especialmente entre pequenos e médios produtores. O comportamento climático também favoreceu a expansão do cultivo.

A ocorrência de precipitações mais regulares durante a implantação e o desenvolvimento inicial das lavouras, aliada ao prolongamento do período chuvoso em importantes regiões produtoras, proporcionou melhores condições para o estabelecimento das plantas e ampliação da área semeada.

A produtividade média apresentou recuperação em relação à safra anterior, favorecida pela disponibilidade hídrica durante as fases críticas do desenvolvimento da cultura. A distribuição mais regular das chuvas

favoreceu o crescimento vegetativo, a formação das estruturas reprodutivas e o enchimento das bagas, contribuindo para rendimentos superiores aos observados na temporada passada.

Entretanto, algumas áreas apresentaram redução do potencial produtivo em razão da ocorrência localizada de pragas, principalmente percevejos e cigarrinhas, que afetaram o desenvolvimento das plantas e provocaram danos às estruturas produtivas, com impacto sobre a formação e o enchimento dos frutos.

As lavouras encontram-se predominantemente entre as fases de maturação fisiológica e colheita, apresentando, de modo geral, condições satisfatórias de desenvolvimento para as lavouras irrigadas e sintomas de estresse hídrico para as lavouras de sequeiro.

SORGO

Goiás: o cultivo do sorgo no estado apresentou um avanço significativo na colheita, estando em finalização ou já totalmente concluída na grande maioria das regiões produtoras.

O rendimento das lavouras, no entanto, revelou-se bastante heterogêneo. Na região leste, que conta com uma área cultivada de 273 mil hectares e 82% das áreas colhidas, as produtividades variam desde excelentes resultados (5.400 kg/ha) nas lavouras plantadas na janela ideal, até perdas severas (1.200 kg/ha) nos cultivos tardios. Nas demais localidades do estado, o cenário geral relatado é de forte quebra produtiva, com casos extremos de áreas semeadas que sequer conseguiram emitir panículas e tiveram produção nula.

Devido a esses problemas no desenvolvimento, a qualidade geral do grão colhido no estado foi classificada predominantemente como regular, apresentando volume expressivo de grãos leves, pequenos e chochos. No estado, a área apontada continua em 631,1 mil hectares, e uma produtividade média estadual ponderada de 3.226 kg/ha.



Foto 10 - Sorgo maduro prejudicado pela seca - Goiatuba-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: a colheita do sorgo atingiu 70% das áreas na terceira semana de agosto, contra 80% no mesmo período da safra passada. Assim como o milho, os atrasos na semeadura, em razão dos elevados volumes de chuva até o final de março, foram relevantes, e praticamente todas as lavouras que ainda estão por colher foram semeadas a partir do início de abril. Estas lavouras tiveram seu desenvolvimento comprometido, apresentando cachos menores e grãos com menor peso, visto que, em muitas áreas, não foram atingidos 3.000 kg/ha.

Por outro lado, aquele sorgo semeado até o final de março se desenvolveu bem e apresentou na média produtividades próximas de 4.200 kg/ha, além, é claro, das áreas irrigadas com rendimentos superiores a 6.000 kg/ha.

Em razão de uma chuva de granizo e ventos fortes que atingiu parte do Alto Paranaíba no final de julho, 1.000 hectares que estavam para ser colhidos foram comprometidos. Soma-se a isso, o fraco rendimento das áreas mais tardias que já estão sendo colhidas. Em relação à parte fitossanitária, em virtude de temperaturas mais elevadas, o pulgão exerceu maior pressão nesta safra quando comparado com a safra anterior. Vale lembrar que também foi registrado danos pontuais na fase final do ciclo da cultura devido à podridão do colmo. Assim, a produtividade média do estado sofreu uma correção em relação ao levantamento anterior, de maneira que a produção total estimada passou a ser de 1.411,9 mil toneladas.

São Paulo: a colheita se aproxima da finalização, e mesmo as áreas semeadas tardiamente apresentam um bom potencial produtivo.

Mato Grosso do Sul: constatou-se que as produtividades médias obtidas têm sido inferiores ao estimado durante a safra, tendo como principal causa o acometimento das panículas pelo ergot (*Claviceps africana*), onde a maior incidência está associada à ocorrência de períodos com temperaturas mais baixas e elevada umidade relativa do ar. Apesar disso, a rentabilidade da cultura é considerada satisfatória diante dos investimentos e do preço recebido pelo grão, principalmente para aqueles produtores que firmaram contratos antecipados, também houve disponibilização de armazéns para receber o cereal nos municípios com maior produção.

As produtividades observadas apresentam variação entre 2.700 kg/ha e 5.400 kg/ha, uma vez que, de maneira geral, a produtividade média estadual deverá ficar em torno de 4.312 kg/ha.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado, e o rendimento foi considerado satisfatório, onde a cultura se desenvolveu bem, mesmo diante de cenário de restrição hídrica incidente em parte do estado.

Distrito Federal: a colheita se aproxima da finalização, e para a maioria das lavouras, as condições climáticas contribuíram para o bom desenvolvimento das plantas, favorecendo a produtividade.

Bahia: a colheita já foi finalizada, com boas produtividades nas lavouras irrigadas e nas de sequeiros semeadas dentro da janela considerada adequada para a região. Os cultivos mais tardios de sequeiro apresentaram maior vulnerabilidade às condições climáticas típicas do período seco, faltando umidade na fase de formação dos grãos, com reflexos negativos sobre a produtividade final.



Foto 11 - Sorgo_maturação-colheita - São Desidério-BA

Fonte: Conab.

Piauí: nesta safra, muitos produtores substituíram áreas que seriam destinadas ao milho devido ao encurtamento da janela ideal de cultivo e, com isso, a área do sorgo superou as estimativas iniciais, ficando 41,5% superior à safra anterior. Parte das lavouras se desenvolveram em boas condições, mas a maioria apresentou declínio de produtividade por deficit hídrico. A colheita já foi finalizada no estado, registrando produtividade 27% menor que a da safra anterior.

Maranhão: a colheita ocorreu entre o final de junho e o final de julho de 2026, e as produtividades refletiram as condições climáticas desfavoráveis a partir da segunda quinzena de abril. A produção do estado foi estimada em 268,2 mil toneladas.

Tocantins: considerando as lavouras implantadas a partir de março, as chuvas acumuladas em 60 dias, março e abril, foram de 450 mm no estado. Em maio, época em que boa parte das lavouras entrou em fase reprodutiva, a máxima acumulada foi de apenas 30 mm no mês. Os produtores que conseguiram antecipar o plantio em fevereiro tiveram boas médias. Já as semeadas tardiamente, como na região de Darcinópolis, norte do estado, a falta de chuvas no estágio reprodutivo causou expressiva queda no rendimento. A colheita já foi finalizada.

Pará: a maior parte das lavouras de sorgo já foi colhida e suas áreas tiveram expansão e melhoria na produtividade devido às boas condições climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura.

Rio Grande do Sul: a finalização da colheita do sorgo consolidou o encerramento do ciclo 2025/26, com o reajuste da área cultivada para 6,5 mil hectares no território gaúcho. O desempenho agrônomo satisfatório das lavouras, ao longo do ciclo, permitiu uma revisão positiva nos índices de rendimento, culminando em uma produtividade média final de 4.672 kg/ha. Em âmbito estadual, a cultura do sorgo encontra-se atualmente no período de entressafra, com destaque para o encerramento das operações nas regiões da Fronteira Oeste, Missões e Noroeste. Observa-se que o cereal vem conquistando espaço progressivo no planejamento agrícola dos produtores gaúchos, impulsionado por suas características morfofisiológicas de rusticidade, elevada tolerância ao estresse hídrico e eficiência na assimilação e no uso de nutrientes, quando comparado a outros cereais de verão.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Norte Mato-grossense	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Aragatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: o estabelecimento inicial das lavouras foi satisfatório, favorecido por temperaturas amenas e chuvas intercaladas com períodos de tempo seco. As lavouras apresentam elevada heterogeneidade quanto aos estádios de desenvolvimento, em razão das diferentes épocas de semeadura.

Quanto à fenologia, aproximadamente 40% das áreas encontram-se em desenvolvimento vegetativo, 42% em florescimento, 17% em enchimento de grãos e 1% em maturação. Nas regiões mais adiantadas, como Sarandi e Três de Maio, predominam lavouras em enchimento de grãos, enquanto em outras, como Vacaria e Lagoa Vermelha, ainda há maior concentração de áreas em desenvolvimento vegetativo.

O grau de investimento é considerado médio, e a destinação final de parte das áreas ainda dependerá do potencial produtivo observado até a maturação. Deve-se destacar a substituição de parte das áreas anteriormente destinadas ao trigo pela aveia-branca, indicando alteração na composição do sistema de produção de inverno no estado. Em regiões como a de Palmeira das Missões, a área aumentou.

A partir da segunda quinzena de julho, a ocorrência de chuvas torrenciais e períodos consecutivos de baixa luminosidade prejudicou o desenvolvimento das plantas em algumas regiões, resultando em menor vigor, menor porte e senescência de folhas basais.

Nas áreas semeadas mais tardiamente, também foram observadas perdas no estabelecimento, erosão do solo e lixiviação de nutrientes. As condições de elevada umidade também aumentaram a pressão de doenças foliares, especialmente ferrugens e manchas, embora a situação fitossanitária ainda seja considerada razoavelmente adequada na maior parte do estado.

Diante disso, em termos de manejo para proteção de plantas, o principal foco é o controle de doenças como a ferrugem da folha (*Puccinia coronata*), favorecida pelas condições de elevada umidade.

Outro fator de preocupação são as geadas ocorridas nos dias 23 e 24 de agosto, principalmente nas regiões onde parcela significativa das lavouras já se encontrava em florescimento ou enchimento de grãos. Esses eventos poderão provocar perdas do potencial produtivo. As áreas que permaneciam em desenvolvimento vegetativo tendem a apresentar menor exposição aos efeitos das geadas. Assim, o real impacto sobre a produtividade deverá ficar mais evidente no próximo levantamento.

Apesar das adversidades climáticas, a aveia-branca mantém-se como uma alternativa no inverno no Rio Grande do Sul, principalmente pelo menor nível de investimento exigido e pela versatilidade de utilização para alimentação humana, alimentação animal e cobertura do solo. Contudo, as limitações de capital têm restringido os investimentos na cultura em algumas regiões, enquanto o excesso de umidade, a ocorrência de doenças e os recentes eventos de geada constituem os principais fatores de risco para o rendimento final da safra.

Paraná: agosto consolidou o estabelecimento das lavouras implantadas. As chuvas registradas no período favoreceram a manutenção da umidade do solo, contribuindo para a emergência e o desenvolvimento vegetativo.

As temperaturas mais baixas observadas no estado ao longo do mês foram benéficas para a aveia, favorecendo o perfilhamento e proporcionando maior uniformidade das plantas. Em algumas localidades, porém, o excesso de umidade e os dias mais nublados limitaram parcialmente o desenvolvimento inicial.

A semeadura está concluída, com as áreas implantadas distribuídas principalmente entre 1% em desenvolvimento vegetativo, 27% em floração, 39% em frutificação e 28% em maturação, tendo já 5% da área colhida. De modo geral, as lavouras apresentam 96% em boas condições e desenvolvimento satisfatório.

Mato Grosso do Sul: as condições observadas nesse período, com chuvas regulares e temperaturas amenas, favoreceram o enchimento de grãos, onde a colheita deverá ser intensificada no início de setembro.

Apesar da colheita operando em 30% da área total, a qualidade do produto colhido destinado à comercialização é considerada satisfatória, mesmo com o baixo nível tecnológico empregado na cultura. A ocorrência de chuvas tardias seguidas de temperaturas amenas favoreceram, principalmente, as lavouras com finalidade para a indústria, elevando a expectativa final produtiva.

Mesmo com o avanço da colheita, onde as cotações normalmente são direcionadas a valores inferiores, o cenário no mercado doméstico segue operando sob movimentações dentro da normalidade para o cereal. No entanto, o grão é pouco representativo em escala comercial, sendo praticamente destinado à cobertura de solos e armazenados como forma de sementes salvas para a safra posterior. Dessa forma, algumas indústrias, confinamentos e cerealistas locais negociam de forma contratual, onde a representatividade no mercado não ultrapassa 30% da área total cultivada.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva				Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva				Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	56,41		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
RS	Nordeste Rio-grandense	7,40			S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandens	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a canola se consolida como o destaque entre as culturas de inverno para a safra 2026. A semeadura foi concluída, registrando expansão em relação ao último ciclo, impulsionada pelo crescimento da demanda industrial, dos custos de produção e pelas vantagens no sistema de rotação de culturas.

Em relação à fenologia, a cultura encontra-se predominantemente em fase reprodutiva, com 75% das lavouras em florescimento, 20% em enchimento de grãos e 5% em maturação. Do ponto de vista fitossanitário e climático,

a canola é a cultura de inverno que exige maior atenção no momento devido ao excesso de chuvas e dias consecutivos de baixa luminosidade na segunda quinzena do mês. Essas condições reduziram a atividade de insetos polinizadores, provocaram a limitação do crescimento em lavouras mais tardias e aumentaram a pressão de pragas e doenças, com destaque para a traça-das-crucíferas, a canela-preta, a bacteriose e o mofo-branco, influenciando também o risco de contaminação na área para a soja subsequente.

Adicionalmente, eventos de granizo atingiram áreas pontuais, onde a intervenção com fungicidas e fertilizantes foliares à base de boro e molibdênio garantiu a recuperação parcial das plantas, enquanto geadas registradas em dois dias consecutivos na penúltima semana de agosto deixam o setor em alerta para possíveis perdas ainda não quantificadas.

Nas regiões de Sarandi e Três de Maio, a cultura apresenta 40% das lavouras em florescimento pleno e 60% em enchimento de grãos, sob monitoramento atento para o mofo-branco, canela-preta e traça-das-crucíferas. Em Frederico Westphalen, dividindo-se em 35% em florescimento e 65% em enchimento de grãos. Já em Campo Novo, mantêm-se boas expectativas, mesmo após episódios isolados de granizo, com 70% das lavouras em florescimento e 30% em enchimento de grãos.

Na região de Palmeira das Missões, a área cultivada encontra-se com 75% em florescimento e 25% em enchimento de grãos, registrando danos pontuais por granizo e focando o manejo no controle da traça-das-crucíferas. No Planalto Superior, o avanço reprodutivo atinge 65% em florescimento e 35% em enchimento de grãos, contudo a baixa luminosidade e, especialmente, as geadas tardias dos dias 23 e 24 de agosto impõem risco de perdas de produtividade. Nas regiões de Ijuí e Ibirubá, o florescimento alcança 65%

das áreas e o enchimento de grãos 25%, enquanto Panambi reporta 70% em enchimento de grãos e 30% em floração, contabilizando uma quebra estimada de 15% decorrente do abortamento de siliques por excesso de precipitação.

Na região sul do estado, o excesso de umidade e dias nublados começam a limitar o desenvolvimento das lavouras, que se dividem entre o florescimento e a fase vegetativa. Na região central, o estado geral das lavouras em floração é bom, com produtores aplicando sulfato de amônio para aporte de nitrogênio e enxofre, além do controle de canela-preta e manchas foliares. Nas regiões da Fronteira Oeste e das Missões, a cultura compõe uma paisagem marcada pelo amarelo do florescimento e evolui dentro da normalidade, embora os plantios tardios tenham sofrido mais com o clima chuvoso. Nas poucas lavouras mais precoces do estado, que já ingressam na fase de maturação, são realizadas aplicações de dessecação para uniformizar a colheita.



Foto 12 - Canola - Enchimento de grãos - Soledade-RS

Fonte: Conab.

Paraná: agosto consolida o início das operações de colheita. As condições climáticas observadas durante o estabelecimento da cultura foram, de modo geral, favoráveis, com boa disponibilidade de umidade no solo.

Entretanto, em algumas regiões, o excesso de precipitações e os dias com maior nebulosidade afetaram parcialmente o desenvolvimento das plantas. As temperaturas mais baixas, típicas do período de inverno, contribuíram para o desenvolvimento da cultura.

A cultura encontra-se com as lavouras distribuídas entre 6% em desenvolvimento vegetativo, 16% em floração, 33% em enchimento de grãos, 37% em maturação e 8% colhido, apresentando 95% em condições predominantemente boas.

Apesar do crescimento da área cultivada, a canola ainda possui participação limitada nas culturas de inverno do Paraná. A cultura apresenta boa liquidez em regiões produtoras, especialmente pela demanda da indústria para produção de óleo e biodiesel.

CENTEIO

Paraná: o centeio segue em fase inicial de desenvolvimento. As chuvas registradas favoreceram a manutenção da umidade do solo e auxiliaram na emergência das plantas. Apesar disso, em algumas localidades, o excesso de precipitações e os dias mais nublados contribuíram para um desenvolvimento mais lento em parte das lavouras. As temperaturas mais baixas do período têm favorecido o estabelecimento inicial da cultura, sem registros de perdas significativas associadas ao frio.

A área cultivada na safra 2025/26 apresenta incremento em relação ao ciclo anterior, aumento associado, principalmente, à substituição de áreas antes destinadas ao trigo e ao uso do centeio como alternativa para rotação de culturas.

O centeio permanece como uma cultura de menor expressão no estado, com produção voltada principalmente para a indústria de panificação.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a semeadura foi finalizada. A evolução da semeadura se deu em 3% da área em maio, 67% da área em junho e os 30% finais foram semeados em julho nas regiões mais frias do estado.

Para a safra 2026, ocorreu redução da área cultivada em relação ao último ciclo, em virtude de suas características de mercado e das perspectivas climáticas.

As lavouras apresentam boas condições fitossanitárias e mantêm boa expectativa de produtividade. O alto volume de chuvas e os dias consecutivos de baixa luminosidade e alta umidade relativa do ar, além de grandes alterações nas temperaturas, exigiram intervenções dos produtores para o controle das doenças.

Ao final de agosto, as primeiras áreas semeadas iniciavam o florescimento, mas representavam apenas 3% da área total cultivada no estado. As demais áreas estavam no desenvolvimento vegetativo, visto que algumas estavam apenas no início do perfilhamento.

Ocorreu um leve atraso na implantação das lavouras em razão das chuvas torrenciais ocorridas a partir da segunda quinzena de julho, mas sem prejuízos à estimativa de produtividade das lavouras.

Em muitas áreas são realizadas as aplicações dos fertilizantes nitrogenados e em algumas ainda é realizado o controle das plantas competidoras. O

evento de geada que ocorreu em 23 e 24 de agosto não impactou as lavouras em razão do estágio em que a cultura se encontra.

Paraná: a cevada está totalmente semeada. As condições climáticas observadas até o momento têm favorecido o estabelecimento das lavouras, com boa umidade do solo e emergência satisfatória. O período de temperaturas mais baixas durante junho contribuiu positivamente para o desenvolvimento inicial da cultura, favorecendo principalmente o perfilhamento das plantas. Entretanto, em algumas localidades, o excesso de chuvas e a ocorrência de dias com menor luminosidade limitaram parcialmente o desenvolvimento de parte das lavouras.

De maneira geral, as lavouras apresentam bom desenvolvimento inicial, com pequena parcela em condições regulares devido às condições de umidade excessiva.

A área cultivada na safra 2025/26 apresenta aumento em relação ao ciclo anterior, impulsionada pela demanda das maltarias instaladas no estado e da maior atratividade econômica em comparação ao trigo.

A concentração da produção no eixo Central-Leste favorece o desenvolvimento da cultura, devido às condições climáticas de altitude mais adequadas à fisiologia da cevada, contribuindo para que o grão atinja os padrões exigidos pela indústria cervejeira.

Além disso, o calendário de plantio mais concentrado em junho permite melhor planejamento da logística de insumos. Já se observa uma movimentação no mercado, com aproximadamente 19% da safra comercializada.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: após a conclusão da semeadura, os produtores seguem focando suas atividades nos manejos da cultura. O controle das plantas competidoras já foi finalizado. Nas áreas onde os produtores optaram por fazer apenas uma operação de aplicação de fertilizante nitrogenado esta já foi realizada. Nas áreas onde a aplicação foi parcelada, a operação deve ser finalizada até o final de setembro. Em termos de pragas e doenças, a cultura apresenta maior rusticidade e os manejos ainda não iniciaram.

A semeadura ocorreu em 10% da área em maio e nos 90% restantes em junho. As lavouras encontram-se com 12% em florescimento e 88% em desenvolvimento vegetativo.

Maio, junho e a primeira quinzena de julho registraram temperaturas inferiores à normal climatológica, condição que limitou o desenvolvimento vegetativo, mas favoreceu o perfilhamento e sanidade das plantas. A partir da segunda quinzena de julho ocorreram eventos de chuvas volumosas e dias consecutivos de baixa luminosidade e alta umidade relativa do ar, causando preocupação entre os produtores da cultura, especialmente quanto à eficiência do fertilizante nitrogenado aplicado.

Paraná: o plantio está concluído. As condições climáticas têm favorecido o estabelecimento da cultura, com boa umidade no solo. As temperaturas mais baixas do período contribuem para o desenvolvimento inicial, embora o excesso de chuvas pontuais tenha deixado pequena parcela em condição regular.

Áreas implantadas estão com 50% em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração, 16% em frutificação e 4% em maturação, apresentando bom estande.

A cultura é voltada para alimentação animal e integração pecuária. Sem vendas futuras expressivas.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



Conab

MINISTÉRIO DO
**DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
E AGRICULTURA FAMILIAR**

